

O CÁRCERE SECRETO
de José Rubens Siqueira

Para meu amigo Chico
que tem a nobreza e
a coragem de sonhar
de Dom Quixote.

Esta peça foi escrita especialmente para um curso de atores ministrado no SESI- Serviço Social da Indústria de São Paulo, no ano de 1984, por Francisco Medeiros.

A pesquisa preliminar foi realizada pelos próprios alunos, orientados por Francisco Medeiros e a seleção final dos textos feita pelo autor.

A bibliografia básica segue no fim do volume.

São Paulo, julho/dezembro

1984

PRÓLOGO

Vaga penumbra no palco. Ouve-se uma voz gravada, neutra, calma.

VOZ- Para os crimes da alçada do Santo Ofício da Inquisição a distância no tempo não apagava a culpa, a distância no espaço não perdoava a culpa. Atos e palavras da adolescência eram castigados na idade madura. E a ausência não oferecia mais que uma segurança falível. De pessoa para pessoa, de terra em terra, os fio das denúncias se alongava e tocava, por fim, inesperadamente o incauto. Deste se irradiava para os seus próximos e à volta dele a peste das delações fazia surgir mais vítimas como os contágios das doenças físicas.

Foi o que sucedeu com a perseguição aos brasileiros no século dezoito.

CALMAMENTE COMEÇAM A ENTRAR NO PALCO OS ATORES, UM A UM, COLOCANDO-SE EM SUAS POSIÇÕES, IMÓVEIS, AGUARDANDO QUE SE COMPLETE O GRUPO E TERMINE A NARRAÇÃO PARA COMEÇAR A CENA. OS HOMENS MAIS AO FUNDO, À ESQUERDA, AS MULHERES À FRENTE, À DIREITA.

VOZ- Nessa época devia ser aprazível a vida no Rio de Janeiro. O clima suave predispõe à indolência, as árvores frutificam o ano inteiro, as flores enfeitam os jardins o ano todo. Nas grandes calmas o refúgio da mata, vizinha das habitações. E dentro delas o conjunto de luxo e simplicidade da vida colonial. Às mulheres não deviam faltar as sedas, veludos e bordados trazidos de Portugal. E a escravatura numerosa facilitava o viver descansado. Os senhores de engenho e lavradores viviam geralmente nas fazendas, mas os de mais posses tinham casa na cidade, onde vinham passar as festas de família. Foi uma dessas festas que reuniu companhia numerosa na casa de um

contratador dos dízimos do tabaco.

O negócio de arrematador de impostos era monopólio cerrado do povo judeu. E, se é certo o testemunho, nem um só dos convidados era estranho à raça dos cristãos novos.

ANTES DE TERMINAR A FALA NARRATIVA JÁ AS LUZES COMEÇAM A SUBIR LENTAMENTE, OS ATORES A SE MOVIMENTAR.

OS HOMENS CONVERSAM, RINDO DE QUANDO EM QUANDO.

AS MULHERES RIEM MUITO. UMA DELAS ENSAIA TRES PASSOS DE DANÇA, BATENDO OS PÉS NO CHÃO. AS OUTRAS BATEM PALMAS E TODAS RIEM, BEBENDO. UMA DAS MULHERES LEVANTA O COPO NUM BRINDE.

MULHER 1- Uma saúde! Vamos beber todas... o sangue de Cristo!

TODAS RIEM E BEBEM

MULHER 1- Todas aqui somos da nação. Só aquela perra perdigueira que não é!

AS MULHERES RIEM DE NOVO E SE JUNTAM, ISOLANDO CATARINA BRANDÃO. ELA OLHA EM TORNO, IMÓVEL, ENVERGONHADA.

CATARINA- Perra perdigueira? Por que?

MULHER 2- Ela não sabe porque.

MUITOS RISOS. AS MULHERES COCHICHAM ENTRE SI E RIEM.

CATARINA- Eu vim do Reino faz onze anos. Eu sou da nação?

MULHER 1- Não, não, não. A nação dos cristãos novos, filha.

MULHER 3- A nação de Moisés.

CATARINA- Eu não entendo. Minha mãe... minha mãe é viúva. Nós viemos para o Brasil.

MULHER 2- Disso nós todas sabemos.

MULHER 3- Sua mãe é aquela da lojinha de...

CATARINA- Ela mesma.

MULHER 1- Então. É preciso ser toda cristão nova ou toda cristã velha.
 MULHER 3- Entendeu?
 CATARINA- Eu não sei...

AS MULHERES FECHAM O CÍRCULO EM TORNO DELA. OS HOMENS, AO FUNDO, PARAM DE CONVERSAR AOS POUCOS E FICAM OUVINDO.

MULHER 1- Judia de nascença não pode se salvar na lei de Cristo.
 CATARINA- Eu sou metade cristã velha.
 MULHER 2- A perra perdigueira...

RISOS DE TODAS. AS MULHERES FALAM EM RÁPIDA SEQUÊNCIA, FAZENDO COMENTÁRIOS, CONCORDANDO UMAS COM AS OUTRAS.

MULHER 3- Temos a lei escrita que foi dada por Deus a Moisés.
 MULHER 4- Essa é a verdadeira lei.
 MULHER 1- É preciso seguir os preceitos.
 MULHER 5- Não comer as carnes proibidas.
 MULHER 6- Carne de porco, toucinho, coelho, peixe de pele.
 MULHER 7- Usar roupa branca na sexta feira.
 MULHER 8- Não trabalhar aos sábados.
 MULHER 1- Varrer a casa ao contrário dos cristãos.

RISOS BREVES. OS HOMENS SE APROXIMAM DO GRUPO.

CATARINA- Como assim?
 MULHER 3 (FAZENDO A MÍMICA DE VARRER) - De fora para dentro e não de dentro para fora da casa.

RISOS BREVES.

MULHER 4- Jejuar nos dias marcados.
 MULHER 5- E adotar todos os usos...

HOMEM 1- O proselitismo com os da raça escolhida é obra grata a Israel.

APLAUSOS DIVERTIDOS, RISOS.

CATARINA- E só isso chega para me fazer... para eu ser...

MULHER 2- Judia.

HOMEM 1- É preciso acreditar.

MULHER 2- É preciso não acreditar. Nos santos, na igreja católica, na Virgem Maria (RISOS), no Cristo pregado na cruz.

CATARINA- Eu não sou toda cristã nova...

MULHER 1- Pensa um pouco, menina. A verdadeira lei foi dada diretamente por Deus a Moisés.

MULHER 3- A lei escrita.

SILÊNCIO. CONFUSA, CATARINA OLHA DE UMA PARA OUTRA. TODOS ESPERAM.

HOMEM 1- Então? A sua conversão pode fazer maior para nós o júbilo desta festa de núpcias.

HOMEM 2- Chega de discursos. Vamos dançar...

MULHER 1- Não! Espera! Vamos ver o que resolve a perra perdigueira.

BREVES RISOS. SILÊNCIO. TODOS ESPERAM A RESPOSTA DE CATARINA, SEM TIRAR OS OLHOS DELA. CATARINA RESPIRA FUNDO.

CATARINA- Eu já sou metade cristã nova...

HOMEM 1- Já tem metade da boa semente.

MULHER 1- A semente da fé verdadeira.

BREVE SILÊNCIO. CATARINA, NERVOSA, AGARRA O CRUCIFIXO QUE TEM DEPENDURADO NO PEITO.

CATARINA- Eu... se me ensinarem... eu quero seguir a lei de Moisés.

ELA ARRANCA O CRUCIFIXO DO PEITO; GRANDE VIVA, MUITOS RISOS.

A MULHER 1 SE APROXIMA, CATARINA ENTREGA A ELA O CRUCIFIXO, A MULHER ATIRA-O LONGE E ABRAÇA CATARINA. JÁ TODOS COMEÇARAM A BATER PALMAS E DANÇAR. UM JOVEM ENLAÇA CATARINA PELA CINTURA. TODOS DANÇAM, FORMAM-SE ALGUNS PARES, TODOS SE ESPALHAM PELO ESPAÇO, SAINDO DE CENA AOS POUCOS ATÉ O PALCO ESTAR VAZIO.

EXPLODE UMA MÚSICA TERRÍVEL. CATARINA ESTÁ SOZINHA NO PALCO E VOLTA-SE PARA O FUNDO. SUBITAMENTE CRUZAM PELO FUNDO DO PALCO DOIS PÚLPITOS-CARROS E TORNAM A SAIR DE CENA. CATARINA RECUA PARA O LUGAR POR ONDE ELES PASSARAM, PROCURANDO NO CHÃO O CRUCIFIXO. ACHA-O E AGARRA-SE A ELE.

OS CARROS TORNAM A SURGIR NA FRENTE DO PALCO E PARAM UM DIANTE DO OUTRO. OS DOIS INQUISIDORES SOBRE OS PÚLPITOS+CARROS ESPERAM. CATARINA AVANÇA E SE COLOCA ENTRE OS DOIS, ATERRADA, TRÊMULA.

INQUISIDOR 1- Nome.

CATARINA- Catarina Soares Brandão.

INQUISIDOR 2- O que deseja nos Estaos do Santo Ofício?

CATARINA- Eu preciso confessar as minhas culpas de judaísmo.

INQUISIDOR 2- Sabe a senhora que a apresentação voluntária ao Santo Ofício da Inquisição pode evitar a prisão, o confisco de bens e permite receber em segredo as penitências, sem o escândalo do auto público da fé?

CATARINA- Sei. E para isso estou aqui. Faz doze anos que vim do Brasil com meu marido e aqui em Lisboa, perto dos senhores inquisidores, à vista dos autos da fé, vivo em permanente susto de qualquer revelação. Soube da prisão de um dos convivas de uma festa de que participei ainda no Brasil. Um pânico invencível tomou conta de mim.

INQUISIDOR 2- Por que?

CATARINA- Nesse banquete é que se deu a minha adesão à fé dos meus antepassados. Mas foi por inexperiência dos anos, senhores. Estou arrependida e disposta a confessar tudo o que quiserem.

INQUISIDOR 1- Lembra-se de outros que participaram dessa festa nefanda?

CATARINA- Lembro-me bem. Todos os convidados eram da nação.

TODOS SE IMOBILIZAM, A LUZ CAI SUBITAMENTE PARA UMA PENUMBRA VAGA.
OUVE-SE A VOZ GRAVADA.

VOZ- A perra perdigueira da festa no Brasil deu provas de possuir excelente memória. Nome por nome comprometeu cinquenta e cinco pessoas. Homens, mulheres, crianças. E foi essa criatura, de todos esquecida, pois em tantos outros processos decorrentes do seu, ninguém pronunciou acusação contra ela, foi essa mulher a que deu o primeiro impulso à perseguição que mais tarde iria vitimar o autor das peças do Bairro Alto, Antonio José Da Silva.

MÚSICA TERRÍVEL. AS LUZES TORNAM A SUBIR. CATARINA DÁ UM GRITO E FOGUE CORRENDO PARA O FUNDO DO PALCO, CHORANDO.

LENTAMENTE, SURGE AO FUNDO UM CASAL, A MULHER COM BEBÊ NO COLO. ELES ESPERAM. QUANDO A MÚSICA TERMINA O HOMEM SE PRECIPITA E VEM COLOCAR-SE ENTRE OS DOIS INQUISIDORES QUE AGUARDAM IMÓVEIS.

INQUISIDOR 1- João Mendês da Silva, 57 anos, natural do Rio de Janeiro, casado com Lourença Coutinho, sabe por que foi acusado à Santa Inquisição?

JOÃO- Não. Sou cristão velho e tal é minha mulher também.

INQUISIDOR 2- Ela será ouvida por sua vez.

JOÃO- Mas de que ela é acusada? Está com criança nova, senhor. Somos cristãos velhos, tenho irmão clérigo, presbítero do hábito de São Pedro, eu mesmo estudei teologia em Coimbra.

INQUISIDOR 1- Que bens de raiz possui e possuía ao tempo de sua prisão?

JOÃO- Tenho casa na cidade e plantação de cana junto ao engenho de um cunhado. Tenho em casa doze negros, crioulos e mulatos e na plantação mais oito escravos.

Duzentos e cinquenta livros sendo alguns de direito e o resto de histórias e curiosidades.

APESAR DE PROCURAR MANTER A CALMA ELE SE AGITA. APROXIMA-SE DE UM DOS INQUISIDORES E SE DESCONTROLA, NERVOSO.

JOÃO- Eu sou atento às práticas da Santa Madre Igreja. Por que estou preso? Por que vão confiscar meus bens no Brasil? Por que minha mulher está aqui comigo? Sou assíduo à missa, confesso e comungo a curtos intervalos. Até aos escravos ensino a doutrina, na casa e no engenho. Nas portas e janelas tenho afixada uma oração latina para proteger dos raios. Não me deito de noite sem rezar completa a ladainha. Nas horas vagas da minha vida de advogado escrevo, escrevo obras místicas. Fiz uma vida de Cristo dividida em tres partes, segundo os mistérios do rosário.

INQUISIDOR 1- Retorne ao seu lugar.

INQUISIDOR 2- Consta que há trinta anos, sendo ainda estudante, foi o senhor iniciado nos ritos judaicos por um primo seu e desde então, sempre os praticou. E sua mulher, Lourença Coutinho...

JOÃO- Deixem em paz minha mulher! Eu confesso. Confesso o que quiserem. Se querem que seja hereje, serei. Mas deixem em paz minha mulher. Temos tres filhos, um ainda criança...

INSQUISIDOR 1-Baltazar, André e Antonio José.

BLACK OUT

MÚSICA

com página nova

ACENDE-SE UMA ILHA DE LUZ.

RELAXADOS, CAMISAS ABERTAS AO PEITO, UM DELES SEM SAPATOS, COMO EM UMA REUNIÃO ENTRE AULAS, QUATRO ESTUDANTES DE COIMBRA: DIOGO, VICENTE, FRANCISCO E ANTONIO JOSÉ. DIOGO BEBE DIRETAMENTE DO GARGALO DA GARRAFA. É O MAIS VELHO, O MAIS IRÔNICO, O MAIS SOLTO.

VICENTE É MAIS NOVO, SÉRIO, DE ÓCULOS, MAS TÃO DISPOSTO AO RISO E ÀS FRASES DE HUMOR QUANTO OS OUTROS;

FRANCISCO BRINCA DURANTE TODA A CENA COM UM PAR DE DADOS QUE ATIRA E TORNA A RECOLHER QUASE INCESSANTEMENTE, DISTRAÍDO DO JOGO, ATENTO À CONVERSA ANIMADA.

ANTONIO JOSÉ É O MAIS CONTIDO, APESAR DE PERFEITAMENTE INTEGRADO AO CLIMA "ESTUDANTIL".

ANTONIO- Segundo a qualificação jurídica, negativo é o réu que teima em afirmar sua fidelidade ao cristianismo. Diminuto é quando não menciona os cúmplices que lhe são atribuídos, principalmente sendo parentes próximos.

VICENTE- Em qualquer dos casos o que o espera é a morte.

DIOGO RI. INSISTE NA RISADA. OS OUTROS RIEM JUNTO.

ANTONIO- Por cumplicidade entende-se a prática em comum dos atos litúrgicos.

VICENTE- Os juizes aceitam qualquer coisa, *que lhes justifique a intolerância.*

FRANCISCO- Claro! Pois quando ordenam as prisões já estão convencidos das realidades das culpas.

RISOS DE TODOS.

DIOGO VERTE DA GARRAFA QUE ESTÁ BEBENDO NUM COPO QUE ESTENDE PARA ANTONIO JOSÉ. ELE ACEITA O COPO E BEBE.

DIOGO- E o nosso lente em cânones jurídicos, o doutor Antonio José Da Silva está se versando nas leis do Santo Ofício da Inquisição para ver se escapa quando chegar a sua vez.

VICENTE- Ou a de qualquer um de nós. Não se esqueça que a Inquisição não prende só os cristãos novos.

DIOGO- E de que é que os senhores inquisidores, asseclas do poder real poderão acusar a mim? De dizer missas sem ter sido ordenado? De bigamo? De sodomia?

RISOS

FRANCISCO- De hereje naturalista, que nega o sacramento da Eucaristia...

DIOGO (INTERROMPENDO)- Não só a Eucaristia. Todos. Todos os sacramentos.

RISOS

FRANCISCO- .. que nega a religião revelada, o inferno, o culto aos santos, ao próprio Cristo.

DIOGO- Bem, não há dúvida que houve um homem chamado Cristo e que fez alguns milagres. Mas o da ressurreição é falso. Pois não basta o testemunho de quatro mulheres de maus costumes para que se acredite nele.

VICENTE- Claro, claro. Agora mais uma vez vamos ouvir os mesmos argumentos de sempre. (ARREMEDA DIOGO): Se Cristo era realmente filho de Deus, porque motivo disse na cruz:

TODOS - "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

RISOS, REAÇÕES DE TODOS.

DIOGO- E isso sem falar de Nossa Senhora: virgem, mesmo depois do parto.

FRANCISCO- Mas vamos continuar com as acusações ao Santo Ofício da Inquisição. O Vicente certamente seria queimado como tolerantista de todas as religiões, de negar o sagrado sacramento do matrimônio...

VICENTE- Eu não! Você é que ensina isso à sua concubina.

RISOS

FRANCISCO- E que concubina!

- DIOGO- Mas em matéria de concubina, ninguém ganha aqui do nosso Antonio José. Está ele bem arranjado com uma criadinha de sua tia... Como é mesmo que se chama?
- ANTONIO- Dona Esperança Montarroio.
- DIOGO- (RI)- Não. Essa é a tia. Quero o nome da rapariga, vamos.
- ANTONIO- Esse não digo.
- FRANCISCO- Tem medo que a roube dele, Diogo.
- DIOGO- Mas diz de novo como é ela. Diz.
- VICENTE- O treino nas leis lhe dá as virtudes da eloquência. Diz Antonio, descreve para nós a virgem dos teus sonhos.
- DIOGO- Alto lá. Virgem não! Que já deve ter-se aqui encarregado disso o nosso advogado. Confesse, vamos.
- ANTONIO- Encarreguei-me, sim. Mas a custa de muita conversão de dona Esperança que me diz ^{que} a lei do Pentateuco e as tradições do Talmud não têm as estreitezas e hipocrisias da religião do Cristo Nazareno: "Amem-se, rapazes e raparigas. Jeová só quer que se multiplique a humanidade sobre a terra, para se alegrar e fazer o bem".
- VICENTE- É bem decente essa tua religião. Mas anda logo, descreve de novo a rapariga que a descrição é um primor.
- ANTONIO- A sopeirinha é risonha e traquinas, com brincos de filigrana, olhos de corça brava e mais corada que uma cereja madura, rubicunda, cheirando a ervas silvestres.
- TODOS APLAUDEM E RIEM.
- VICENTE- Como é possível dizerem ainda que por comer o pomo, pecou o homem e foi expulso pelo anjo do Paraíso.
- RISOS
- FRANCISCO- Assim, seremos todos prêsos, por seguirmos uns os erros dos sócios.
- DIOGO- Qual! Não temos medo. Somos estudantes de Coimbra e a nós é devida maior liberdade que às bruxas queimadas

- pelo Santo Ofício,
- VICENTE- Não brinque pois corremos risco de verdade. Uma delação basta.
- ANTONIO- Não. Um só testemunho não é motivo de procedimento judicial. Fica no arquivo à espera de novos indícios. Um segundo depoimento põe a mover-se a máquina da repressão.
- FRANCISCO+ A fúria deles agora é contra os cristãos novos. De nós todos o único que corre risco é você, Antonio.
- VICENTE- Não se fie tanto nisso. Já vejo as labaredas nos subindo a todos pelas pernas.
- DIOGO (SÉRIO)- Teus pais sofreram já uma prisão, não é assim, Antonio?
- ANTONIO- É verdade. Foi por isso que viemos do Brasil. Eu era ainda pequeno.
- VICENTE- E foi mesmo por isso que você veio estudar leis?
- ANTONIO- Não. Meu pai é advogado e quando me formar vou trabalhar na banca dele.
- FRANCISCO- Ele não quis voltar ao Brasil quando foi solto?
- ANTONIO- Reintegrado é que se diz. Não. Meu pai não quis retornar ao lar antigo. Lá, despojado dos bens e da consideração pública não tinha mais nenhum interesse.

UM TEMPO. TODOS SELENCIAM DIANTE DA GRAVIDADE DE ANTONIO JOSÉ

- ANTONIO- É dura a prova de estar nos cárceres secretos da Sagrada Inquisição.
- De início, fiado na qualidade de cristão velho que ele alegava, meu pai ofereceu resistência. Conservou-se negativo. Depois, quando veio o promotor com o libelo, sentiu-se perdido, creio. Aceitou a costela judaica de que os inquisidores não tinham nunca duvidado. Confessou de si e implicou um número de pessoas.
- Minha mãe se disse iniciada pelo pai, já defunto. Meu pai por um primo, quando ainda era estudante.
- Foram condenados às usuais penas de abjuração, cárcera

e hábito penitencial. Foram recolhidos à prisão para serem instruídos novamente na doutrina católica. E prontos nela, receberam os Sacramentos, excluídos que estavam da pena de Excomunhão.

A pena de cárcere é formalidade. É só um compromisso de não se ausentarem do reino sem licença do Santo Ofício.

VICENTE- Continuam portanto expostos a qualquer espionagem, ao risco de serem novamente acusados.

FRANCISCO- Tanto quanto qualquer um de nós.

IRROMPE MÚSICA FORTÍSSIMA. OS QUATRO SE IMOBILIZAM, OLHANDO A PLATÉIA.

AO FUNDO ACENDE^M-SE ~~EM~~ FOCOS SOBRE OS PÚLPITOS DA INQUISIÇÃO.

A LUZ SOBRE OS RAPAZES SE APAGA, À MEDIDA QUE UM POR UM, DIOGO, VICENTE E FRANCISCO VÃO SE COLOCAR, MÃOS JUNTAS NAS COSTAS, CABEÇAS BAIXAS, DIANTE DOS INQUISIDOR^{ES} EM SEU^S PÚLPITO^S.

AS LUZES SE APAGAM DE CHÔFRE COM O FIM DA MÚSICA.

UM FOCO DE LUZ, COMO OS FOCOS DE SEGURANÇA DAS PRISÕES, PASSEIA LENTA E AMEAÇADORAMENTE PELA PLATÉIA E PELO PALCO VAZIO, ENQUANTO SE OUVI A VOZ DO NOTÁRIO.

NOTÁRIO- Os Inquisidores Apostólicos contra a erética pravi-
dade e apostazia nesta cidade de Lisboa e seu distrito,
mandam a qualquer familiar ou oficial do santo Ofício
que prenda, nesta cidade ou em qualquer lugar em que
for achado, com confisco de bens, por culpas que contra
ele existem, a Antonio José da Silva, christão novo,
de vinte e um anos, estudante de cânones na Universidade,
solteiro, filho de João Mendes da Silva, advogado e
Lourença Coutinho e natural do Rio de Janeiro.

O FOCO LOCALIZA ANTONIO JOSÉ NO FUNDO DO PALCO E SE DETÉM SOBRE ELE.
COM AS MÃOS ATADAS, ANTONIO JOSÉ AVANÇA ATÉ A BOCA DE CENA, SEMPRE
ILUMINADO PELO FOCO.

NOTÁRIO- E preso, com cama e mais roupa necessária a seu uso e
até quarenta mil réis em dinheiro para seus alimentos,
seja trazido e entregue, debaixo de chaves, ao alcaide
dos cárceres secretos.

TERMINADO O TEXTO, ENTRAM OS CARRINHOS-PÚLPITO DOS INQUISIDORES,
CERCANDO ANTONIO JOSE. O NOTÁRIO SE APROXIMA COM UM GRANDE LIVRO
E ANTONIO JOSÉ POUSA AS MÃOS ATADAS SOBRE ELE.

NOTÁRIO- Jura, com a mão sobre os Santos Evangelhos dizer a
verdade e ter segredo de tudo o que nestes estados e
casa da Santa Inquisição se passar?

ANTONIO- Juro.

IN

O NOTÁRIO SE AFASTA, ABRINDO OUTRO LIVRO QUE TEM NAS MÃOS E DURANTE
O DESENNOLAR DA CENA ANOTA TUDO, COM UMA PENA DE AVE.

INQUISIDOR

INQUIS. 1- Que bens de raiz ou móveis tem e tinha ao tempo de sua prisão?

ANTONIO- Sou ainda de menor idade. Não tenho bem algum móvel ou de raiz, mais que a roupa que visto e outras roupas de uso.

INQUIS. 1- Tem alguma coisa a declarar neste tribunal do Santo Ofício da Inquisição?

ANTONIO- Não.

INQUIS. 3 (COM GESTOS IRRITADOS PARA OS PADRES ASSISTENTES)
que seja levado de volta para seu cárcere.

DOIS PADRES SE APROXIMAM, PEGAM ANTONIO JOSÉ PELOS BRAÇOS E LEVAM EMBORA. DEPOIS DE DOIS PASSOS, ANTONIO JOSÉ SE VOLTA PARA OS INQUISIDORES.

ANTONIO- Quero confessar!

OS PADRES O RECONDUZEM PARA O CENTRO DOS CARRINHOS-PÚLPITO.

INQUIS. 1- Muito bem, filho.

INQUIS. 2- Uma vez que toma o réu tão bom conselho como o de querer confessar suas culpas nesta mesa, lhe convém muito trazê-las todas à memória para fazer delas uma inteira e verdadeira confissão.

INQUIS. 3- Faça saber a que ele está obrigado.

NOTÁRIO- Está obrigado a dizer de todas as pessoas com quem comungou as crenças na lei de Moisés sejam vivas, mortas, presas, soltas, reconciliadas, parentes ou não parentes, ausentes deste reino ou nele residentes.

INQUIS. 1- Sem impor, porém, nem a si, nem aos outros, testemunho falso.

INQUIS. 2- É o que lhe convém para descargo de sua consciência e salvação de sua alma.

PASSA-SE UM TEMPO. ANTONIO JOSÉ SE CONCENTRA DEBAIXO DOS OLHARES FIXOS DOS INQUISIDORES. ELE RESPIRA FUNDO.

ANTONIO- A verdade e só a verdade é o que eu vou dizer. E a verdade é esta: foi por amor que me apartei da lei de Cristo Nosso Senhor.

PASMO GERAL. O INQUISIDOR 3 SE PERSIGNA, COLÉRICO. O INQUISIDOR 2 O IMITA. O INQUISIDOR 1 DEBRUÇA MAIS NO CARRINHO, ATENTO A ANTONIO.

ANTONIO- Em casa de minha tia, D. Esperança Montarroio, apaixonei-me por uma sua criada e para estar com a moça...

INQUIS. 3 (INTERROMPENDO)- Nome.

ANTONIO- D. Esperança Montarroio.

INQUIS. 3 (COLÉRICO)- Não! O nome da criada! Da criada!

ANTONIO- Não sei.

INQUIS. 2- Senhor Antonio José da Silva, está sob juramento de dizer toda a verdade a este tribunal. Afirma não saber o nome do objeto de sua amizade ilícita?

ANTONIO- Essa é a verdade. Não sei seu nome. Eu a chamava Dulcinéia. Sem par em formosura, senhora deste cativo coração. Seus olhos eram sóis, suas faces rosas, seus lábios corais, pérolas os seus dentes, alabastro o seu colo, mármore o seu peito, marfim as suas mãos, sua brancura, neve.

TEMPO.

INQUISIDOR 3 SE RECOBRA DO PASMO E DIZ FURIOSO:

INQUIS. 3- O tribunal adverte ao réu que as divagações dessa natureza só podem comprometer o bom despacho de sua causa.

INQUIS. 2- Quer o senhor dizer que uma paixão carnal foi a causa de sua conversão à lei de Moisés?

ANTONIO- Um homem sem amores é árvore sem folhas, nem frutos e corpo sem alma.

INQUISIDOR 3 DE NOVO SE BENZE. INQUISIDOR 2 O IMITA. INQUISIDOR 1 RESPIRA FUNDO, PENSATIVO.

- INQUIS. 3- Sob pena de ser reconduzido ao cárcere, prossiga o réu a sua confissão. Temos o nome de D. Esperança Montarroio, já falecida. Foi ela a autora de sua conversão?
- ANTONIO- Foi. Minha tia me fez ver que na lei de Moisés não era pecado a simples fornicação. Passei, por isso, a guardar os sábados, a observar os jejuns e demais práticas da religião judaica.
- INQUIS. 1- Por que?
- ANTONIO- Porque assim podia saciar o meu amor sem remorsos na consciência. Sem perder a minha alma.
- INQUIS. 2- E continua crendo que a lei de Moisés...
- INQUIS. 3 (INTERROMPENDO)- Hereje!
- INQUIS. 2 (PROSSEGUINDO)- ... pode garantir a salvação de sua alma?
- ANTONIO- Não. A crença no erro durou até tres meses atrás, quando ouvi um pregador na igreja de São Domingos. Ele falava de Nossa Senhora e pareceu-me que, iluminado pelo Espírito Santo e levado talvez pelo remorso da minha consciência, resolvi tornar à lei de Cristo. Senhores Inquisidores, estou arrependido. Peço o perdão das minhas culpas e que usem de misericórdia comigo.
- INQUIS. 3- E com quem mais privou nas práticas da heresia?
- ANTONIO- Com meu primo João Thomaz...
- NOTÁRIO- Preso nos estados da Santa Inquisição.
- ANTONIO- ... que tinha uma Bíblia. Depois, com minhas primas, a infeliz Brites Eugênia e sua irmã Branca de Castro.
- NOTÁRIO- Presas nos estados da Santa Inquisição.
- ANTONIO- Meu primo Baltazar Rodrigues.
- NOTÁRIO- Falecido.
- ANTONIO- E Leonor e Ana Siqueira e Elena e Leonor Soares.
- NOTÁRIO- Ainda não apresentadas.
- ANTONIO- André Mendes da Silva, meu irmão.
- NOTÁRIO- Preso nos estados da Santa Inquisição.

ANTONIO- Baltazar Rodrigues, meu irmão
 NOTÁRIO- Preso nos estados da Santa Inquisição.

À MEDIDA QUE IA ENUMERANDO OS NOMES ANTONIO JOSÉ SE EMOCIONA.
 AO TERMINAR, AS LÁGRIMAS CORREM POR SEU ROSTO.
 PASSA-SE UM TEMPO DE SILÊNCIO.
 O INQUISIDOR 3 TOSSE, INCÔMODO.

ANTONIO- Essa é a verdade. Toda a verdade por mim sabida.
 INQUIS. 3- Esta mesa adverte o réu em toda a caridade...
 INQUIS. 1- (INTERROMPENDO, ENÈRGICO) - Muito bem. Que seja levado
 de volta a seu cárcere.

OS INQUISIDORES SE RETIRAM RAPIDAMENTE, EM SEUS CARRINHOS-PÚLPITO.
 DOIS PADRES CONDUZEM ANTONIO JOSÉ EM UM GRANDE CÍRCULO PELO PALCO
 VAZIO. ANTONIO JOSÉ CHORA DURANTE TODO O PERCURSO.
 AO RETORNAREM AO PONTO CENTRAL, TORNAM A ENTRAR OS CARRINHOS,
 REASSUMINDO A POSIÇÃO ANTERIOR. ENTRA O NOTÁRIO.

INQUIS. 2- Você cuidou de suas culpas, como nesta mesa lhe foi
 mandado e quer acabar de confessar toda a verdade dela
 para descargo de sua consciência e salvação de sua alma?
 ANTONIO- Sim. Sim, cuidei. E não tenho mais culpas a confessar.
 INQUIS. 3- Quanto tempo há que se apartou de nossa Santa Fé cató-
 lica e se passou à crença na lei de Moisés?
 INQUIS. 2- Quem lhe ensinou essa doutrina?
 ANTONIO- Eu já contei em minha primeira confissão.

ELE OLHA DE UM PARA OUTRO.

TEMPO.

OS INQUISIDORES ESPERAM, IMÔVEIS.

ANTONIO- Haverá quatro ou cinco anos me converti à lei de Moisés
 pelo ensino de minha tia D. Esperança Montarroio.

- INQUIS. 3- Comungou nessa dita crença com alguma outra pessoa além das que já citou?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 2- Em que Deus acreditava no tempo dos seus êrros?
- INQUIS. 3- Que orações rezava? A quem as oferecia?
- ANTONIO- Naquele tempo eu acreditava em um só Deus, todo poderoso e a ele eu me encomendava com a oração do Padre Nosso. Sem dizer Jesus depois do Amén.
- INQUIS. 2- E nesse tempo acreditava no mistério da Santíssima Trindade?
- INQUIS. 3- Acreditava em Cristo Nosso Senhor como o Messias prometido na lei?
- INQUIS. 1- Espera ainda por ele como os judeus esperam?
- ANTONIO- Não. Naquele tempo eu não acreditava em mistério. Em mistério nenhum. E do Messias, do Messias eu nada sei. Nada. Nada.
- INQUIS. 2- E acreditava nos sacramentos da Igreja?
- INQUIS. 1- Tinha os sacramentos por bons e necessários para a salvação da alma?
- INQUIS. 3- Fez alguma vez alguma irreverência aos sacramentos, principalmente ao da Eucaristia?
- ANTONIO- Não! Eu não achava os sacramentos bons, nem necessários, nem nada. Não achava nada e por isso não fazia contra eles reverência ou irreverência de qualquer espécie.
- INQUIS. 3- Mas você ia às igrejas, ouvia missa, ouvia sermões, confessava, comungava. Por que? Por que??
- ANTONIO- É o que todo mundo faz, não é?
- INQUIS. 1- Com que intenção fazia isso, filho?
- ANTONIO- Em cumprimento à lei do mundo em que vivo.
- INQUIS. 3- Dissimulado. Hereje dissimulado!
- INQUIS. 1- Sabia que seus erros eram pecado e dava conta deles a seus confessores?

ANTONIO- Não. Eu não tinha meus erros por pecado, mas por uma fé tão boa quanto a nossa Fé católica e apostólica. E por isso não confessava.

INQUIS. 2- Em que Deus crê agora?

INQUIS. 3- Em que fé espera salvar a sua alma?

TEMPO.

ANTONIO- Acredito em Deus, uno e trino. Na lei de Cristo Senhor Nosso. E espero salvar a minha alma.

A minha alma que sou eu.

INQUIS. 3- Suas confissões têm muitas faltas e diminuições.

INQUIS. 2- Você não confessou todas as cerimônias que fazia, nem o modo como comungou com outras pessoas dessa crença, nem revelou todas as pessoas que sabem pertencerem à nação.

INQUIS. 1- Abra os olhos da alma, filho, deixando de lado quaisquer respeitos humanos que o possam impedir de confessar inteiramente toda a verdade de suas culpas.

INQUIS. 2- É o que lhe convém para descargo de sua consciência e salvação de sua alma.

ANTONIO- Não tenho mais culpas. Não tenho. Não tenho!

INQUIS. 3- Que seja levado de volta a seu cárcere.

SAEM OS CARRINHOS RAPIDAMENTE. ANTONIO JOSÉ SE LANÇA PARA O NOTÁRIO QUE VAI SAINDO E É AGARRADO PELOS DOIS PADRES QUE O ARRASTAM PARA O MESMO PASSEIO CIRCULAR PELO PALCO; ELE VAI, GRITANDO NA DIREÇÃO DO NOTÁRIO QUE CONTINUA SAINDO DO PALCO, NEUTRO E ALHEIO.

ANTONIO- Não tenho mais culpas! Não tenho mais! Acusei meus parentes, meus amigos, mulheres, crianças, velhos, vivos e mortos, presentes, ausentes. Já disse que retornei para Cristo. Sou Cristão! Sou Cristão!
O que mais querem de mim? O que?

DURANTE O TRAJETO ANTONIO JOSÉ VAI PERDENDO AS FORÇAS. AO RETORNAR

À POSIÇÃO INICIAL ESTÁ SEM FORÇAS, SUSTENTADO PELOS DOIS PADRES. ENTRAM OS CARRINHOS RAPIDAMENTE E TORNAM A CERCAR ANTONIO JOSÉ;

INQUIS. 3- De joelhos!

OS PADRES APENAS SOLTAM ANTONIO JOSÉ. ELE CAI DE QUATRO. OS PADRES LEVANTAM SEU CORPO PARA OUVIR AJOELHADO AOS INQUISIDORES.

INQUIS. 2- Você cuidou de suas culpas como nesta mesa lhe foi mandado e quer acabar de confessar toda a...

ANTONIO (INTERROMPENDO- Cuidei, cuidei, cuidei!... Eu não me lembro de mais nada. De ninguém. Não me lembro. Já disse tudo. Tudo. Não sei mais. Não sei. Não. Não. Não. Não.

INQUIS. 2- Há, nesta mesa, informação de que o réu cometeu mais culpas do que as que confessou.

INQUIS. 3- E que conhece mais pessoas comuns à sua crença do que as que nomeou.

INQUIS. 1- Como cristão batizado, filho, você é obrigado a ter e crer em tudo o que tem, crê e ensina a Santa Madre Igreja de Roma.

INQUIS. 3- Recite a doutrina cristã, a saber, o Padre Nosso, a Ave Maria, o Credo, os mandamentos da lei de Deus e da Santa Madre Igreja.

ANTONIO- Padre Nosso, que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. Amén.

ENQUANTO ELE REZA, COM CONTRIÇÃO, AS LUZES CAEM EM RESISTÊNCIA ATÉ BLACK OUT COMPLETO. NO ESCURO OUVI-SE AINDA A VOZ DELE REZANDO, TRANSFORMANDO-SE AOS POUCOS NUM CHORO MANSO, DOLORIDO.

AS LUZES SE ACENDEM DE CHÔFRE.

ANTONIO JOSÉ ESTÁ DESPIDO, SENDO ATADO PELOS PADRES ASSISTENTES

AO POTRO DO SUPLÍCIO.

ESTÃO EM CENA OS TRES INQUISIDORES, O NOTÁRIO, O MÉDICO E O CIRURGIÃO.

INQUISIDOR 2- Por muitas vezes e com muita caridade foi o réu admoestado nesta mesa da parte de Cristo Nosso Senhor que para descargo de sua consciência, salvação de sua alma e bom despacho de sua causa quisesse acabar de confessar todas as suas culpas.

INQUIS. 3- Mas você, usando de mau conselho, até agora não o quis fazer por ser hereje e apóstata de nossa Santa Fé católica, ficto, falso, simulado, confitente diminuto e impenitente.

ANTONIO- Não tenho nada a confessar.

INQUIS. 3- Seja o réu Antonio José da Silva posto a tormento no potro e que dure o trato corrido quinze minutos, atado seu corpo por oito partes.

INQUIS. 2- Notário!

O NOTÁRIO ACORRE COM SEU LIVRÃO E LÊ PARA ANTONIO JOSÉ ENQUANTO ELE É ATADO AO POTRO PELOS PADRES ASSISTENTES.

NOTÁRIO- Presentes o médico e o cirurgião, em nome dos senhores Inquisidores, eu, Thomaz Feio Barbuda, notário, protesto ao réu que se neste tormento morrer, quebrar algum membro, perder algum sentido a culpa será sua e apenas sua e não dos senhores Inquisidores.

INQUIS. 1 (DESCENDO DE SEU PÚLPITO PARA CHEGAR ATÉ ELE) - Rigorosa e perigosa é a diligência do tormento no potro, filho. Você pode evitar isso, se acabar de confessar todas as suas culpas.

ANTONIO- Não tenho mais culpa a confessar, padre. Não tenho!

O INQUISIDOR 1 RETORNA PARA O SEU CARRO, QUE OS SEUS CRIADOS VIRAM DE FORMA QUE FIQUE DE COSTAS PARA A TORTURA. INQUISIDOR 3 FAZ UM SINAL E OS PADRES ASSISTENTES GIRAM AS MANIVELAS. AS CORDAS CORTAM A CARNE

DE ANTONIO JOSÉ, ELE GRITA, O NOTÁRIO ANOTA, ELE GRITA, OS MÉDICO E O CIRURGIÃO ATENTOS, ELE GRITA, INQUISIDOR 1 CURVA OS OMBROS NÃO QUERENDO OUVIR, INQUISIDOR 2 ASSISTE INDIFERENTE, ANTONIO JOSÉ GRITA, INQUISIDOR 3 NÃO ESCONDE O SORRISO, TEM UMA CRISE DE TOSSE DE PURO PRAZER, ANTONIO JOSÉ GRITA.

ANTONIO- Deus! Meu Deus!

Deus! Deus!

Meu Deus!

Meu Deus!

Meu Deus!

Meu Deus!

POR FIM, ANTONIO JOSÉ PERDE OS SENTIDOS. MÉDICO E CIRURGIÃO O EXAMINAM, DESATANDO AS CORREIAS.

INQUIS. 3- Não chamou ele por Jesus nenhuma vez.

INQUIS. 2- Nem por santo algum.

O INQUISIDOR 1 LIMITA-SE A OLHAR POR CIMA DO OMBRO, ENQUANTO OS OUTROS DOIS SÃO LEVADOS PARA FORA DE CENA EM SEUS PÚLPITOS.

INQUISIDOR 1 FINALMENTE DÁ SINAL A SEUS CRIADOS QUE O AFASTAM PARA FORA DE CENA.

O MÉDICO E O CIRURGIÃO COLOCAM ANTONIO JOSÉ DE PÉ.

O NOTÁRIO A TUDO ASSISTE, PRONTO PARA ANOTAR EM QUALQUER CASO.

ANTONIO JOSÉ NÃO CONSEGUE FICAR DE PÉ. MÉDICO E CIRURGIÃO INSISTEM ATÈ QUE ELE CONSEGUE SE EQUILIBRAR, TRÔPEGO, DEVASTADO, SEM FORÇAS.

O MÉDICO, O CIRURGIÃO E O NOTÁRIO SE AFASTAM LENTAMENTE. A LUZ ISOLA ANTONIO- ELE VAI GANHANDO FORÇAS ENQUANTO FALA.

ANTONIO- Eu, Antonio José da Silva, perante vós, senhores Inquisidores, juro que aparto de mim toda espécie de heresia contra nossa Santa Fé Católica e Apostólica. E juro ter sempre e guardar a nossa Santa Fé Católica ensinada pela Santa Madre Igreja de Roma. E confesso que todos os que contra essa Santa Fé Católica vierem são dignos de condenação. E juro de nunca com eles me

ajuntar e de os perseguir e revelar as heresias que deles souber aos senhores Inquisidores do Santo Ofício.

POR UM LONGO TEMPO ANTONIO JOSÉ ENCARA A PLATÉIA.
AS LUZES COMEÇAM A BAIXAR LENTAMENTE SOBRE ELE;
ANTONIO JOSÉ DA SILVA SORRI.

NO ESCURO SOA A MÚSICA, ALEGRE
 ACENDE-SE A LUZ E SOBRE UM PALQUINHO PEQUENO E TÔSCO
 "ESTARÁ ASSENTADO D. QUIXOTE E JUNTO DELE EM PÉ A AMA E
 SOBRINHA E UM BARBEIRO FAZENDO-LHE A BARBA.

D. QUIXOTE- Senhor Mestre Barbeiro, veja a vossa mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem tôda a Espanha.

Sô Mestre, você bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto fazem a barba, dizerem as novidades. Como estive doente e tantos tempos de cama por causa das minhas cavalarias andantes, não tenho sabido de nada.

BARBEIRO- Senhor D. Quixote, novidades não faltam. Dizem que o Turco infiel vem com uma poderosa armada assolando os mares e os Príncipes todos procuram fazer-lhe guerra ofensiva e defensiva e se prepara uma grossa armada.

D. QUIXOTE- Para que se cansam com tantas máquinas? Eu lhes daria um bom conselho com o qual em menos de uma hora venceriam todas as armadas e armadilhas.

BARBEIRO- Diga vossa mercê, qual é?

D. QUIXOTE- Não digo, porque não faltarão mexeriqueiros que vão tirar proveito do meu trabalho.

BARBEIRO- Diga vossa mercê que lhe prometo, à fé de barbeiro, que fica aqui sepultado.

D. QUIXOTE- Debaixo dessa fé que é mui boa, eu digo. Mandem esses Príncipes buscar alguns Cavaleiros andantes. Só um deles bastará para destruir com sua espada e sua lança mil armadas.

AMA- Triste de mim, Senhora! Seu tio está outra vez doido. Ainda crê que há no mundo Cavaleiros andantes!

SOBRINHA- Vamos ter com Sansão Carrasco que é homem de manha, a ver se lhe pode tirar da cabeça essas asneiras.

- AMA- Vamos.
- BARBEIRO- Como é possível, Senhor Dom Quixote de la Mancha, que um Cavaleiro Andante possa destruir um navio, quanto mais uma armada!
- D. QUIXOTE- Sô Mestre, trate do seu estojo e das suas navalhas e não se meta a querer investigar os recônditos arcanos dos Cavaleiros Andantes. Se você lesse as antigas histórias de cavalaria, saberia então o que valem as façanhas de um cavaleiro andante. Sei de um que só com um suspiro é capaz de afundar uma armada e cem galeões.
- BARBEIRO- Quem será esse tal? Tomara o conhecer.
- D. QUIXOTE- Sou, eu, Dom Quixote de la Mancha, por outro nome o Cavaleiro da triste figura. Eu torno a dizer, eu só com a minha espada e a minha lança, me atrevo a engolir o Grão Turco, como quem engole uma cereja de saco.
- BARBEIRO- Quando eu cuidava que vossa mercê estava de todo são dessa loucura, aindo o vejo tão enfermo dela! Ora, Senhor, deixe essa teima. Quem lhe meteu na cabeça que havia no mundo Cavaleiros andantes?
- D. QUIXOTE- Ó grandíssissimo magano. Por vida de minha Senhora Dulcinéia del Toboso que vos farei em pó e em cinza. Assim perdeis o respeito a um Cavaleiro andante?

ATIRA DOM QUIXOTE COM O BARBEIRO AO CHÃO E SAIRÁ SANSÃO CARRASCO

- SANSÃO- Que é isto Senhor Dom Quixote? Que obrigou a sua grande modéstia a tanta desesperação?
- D. QUIXOTE- Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser senão este Barbeirinho que nega haver Cavaleiros andantes no Mundo e que eu seja um deles.
- SANSÃO- Ah, sô Mestre, ponha-se logo na rua, antes que vá pela janela.
- BARBEIRO- Não sei donde há de parar D. Quixote com tanta loucura!
- VAI-SE

SANSÃO (À PARTE)- Este miserável está louco confirmado. Querer despersuadí-lo é excitá-lo ainda mais. Vou concordar com o que ele disser.

D. QUIXOTE- Meu amigo, eu estou resoluto a sair segunda vez em minhas andantes cavalarias; ainda que da vez passada vim muito moído. Mas desmaiar nos trabalhos não é para corações briosos. Queira Deus que estes malandrines ou encantadores não me persigam com seus encantos. Invejosos do meu valor, eles querem escurecer com mágicas aparentes as minhas claras e rocinantes cavalarias.

SANSÃO- Deixa-me beijar-te os pés, ó flor dos Cavaleiros andantes! Sai, não só segunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas, a dar alma ao esquecido cadáver da cavalaria andante para glória do Mundo.

D. QUIXOTE- Dizei-me: que dizem de mim por essa terra?

SANSÃO- Que há de dizer? Que vossa mercê é um louco, mas valente e que às vezes até mesmo abusa, tentando o impossível. Finalmente todos dizem que a Senhora Dulcinéia de Toboso é coisa fingida e fantástica e que tal mulher não há no mundo.

D. QUIXOTE- Dizem bem que o Mundo não é capaz de sustentar aquele globo esférico da formosura. O ar é que é a pátria daquela estrela de Vênus.

HAVERÁ DENTRO MUITA BULHA E GRITOS DE SANCHO, DA AMA E DA SOBRINHA. SAEM (PARA A CENA).

AMA- Não há de entrar, Sancho!

D. QUIXOTE- Que é isso, Sancho Pança?

SANCHO- Que há de ser? A senhora Ama e a Senhora Sobrinha não queriam me deixar entrar para falar com vossa mercê, Senhor meu amo. Dizem que eu sou a causa de vossa mercê querer ir segunda vez pelo Mundo a buscar aventura.

Veja vossa mercê:

- D. QUIXOTE- Não façás caso de mulheres. Elas ignoram o gênio dos Cavaleiros andantes.
- SANCHO- Quanto a isso têm elas mais que razão.
- SANSÃO- Amigo Sancho Pança, lhe aconselho que faça muito por ser homem de bem. Acompanhe a seu amo, como bom escudeiro que, se assim o fizer, chegará ao Céu brincando.
- SANCHO- Ah, Senhor Sansão Carrasco, brincando, não. Sabe Deus o quanto me custa e me tem custado aturar as valentias de meu amo.
- D. QUIXOTE- Sancho Pança, mãos à obra, coração, espírito valoroso. Juro à fé de Cavaleiro andante que desta segunda jornada há de ver o Mundo quem é Dom Quixote de la Mancha. Até aqui fui Cavaleiro da Triste Figura, daqui em diante serei o alegrão do Universo.
- SANCHO - Pois A Deus, que eu vou me armar Cavaleiro. (Quero dizer burriqueiro porque eu monto em burro e não em cavalo) e a despedir-me de minha Teresa Pança. Y lo dicho, dicho.

VAI-SE

- D. QUIXOTE- Não tem remédio: hei de ir. Não é justo que fique sem fim a minha memorável história. Quantas donzelas não estarão em necessidade de que um Cavaleiro andante lhes defenda o crédito e a honra? Quantos pupilos estarão sem justiça? Quantos Cavaleiros honrados estarão encantados por falta de andantes Cavaleiros? Enfim, não tenho mais que dizer: vou a castigar insolentes e endireitar tortos."

O POVO QUE SE FOI JUNTANDO EM TORNO DO PALQUINHO, RINDO DAS FALAS DE QUIXOTE E SANCHO, APLAUDE COM PRAZER. SANCHO RETORNA E AGRADECE JUNTO COM QUIXOTE. O POVO SE DISPERSA, QUIXOTE E SANCHO ROLAM PARA FORA O PEQUENO PALCO. BALCK OUT.

ACENDE-SE A LUZ.

D. LOURENÇA COUTINHO AVANÇA LENTAMENTE, APOIADA EM BALTAZAR E PÁSCOA DOS RIOS. NA BOCA DE CENA UMA ESCRAVA NEGRA CHORA, ACOIADO DE LEONOR.

NEGRA- Por que não me castiga logo, senhora?

LEONOR- Já basta de castigo. Você é que tem de tomar jeito. Agora vai lá para dentro e manda a ama me trazer a pequena.

A NEGRA SAI CHORANDO E RESMUNGANDO.

NEGRA- Eu devia ir me acusar de feitiçaria ao Santo Ofício. Assim me acabava esse martírio do cativoiro.

A NEGRA SAI.

D. LOURENÇA JÁ ESTÁ RECOSTADA. PÁSCOA ACABA DE LHE ARRUMAR O COBERTOR SOBRE AS PERNAS. BALTAZAR SE ACOMODA NOUTRA CADEIRA E ABRE SEU LIVRO PARA LER.

LEONOR- Escrava ruim.

BALTAZAR- Tão ruim quanto o cativoiro, Leonor.

LOURENÇA- Não, Baltasar. Essa negra é maligna.

BALTAZAR- Por que não a vende, mãe?

LOURENÇA- Porque faz parte da herança de teu pai. Você sabe disso.

PÁSCOA- Eu vou buscar a ^{criança} Lourencinha.

PÁSCOA SAI.

LEONOR- É uma negra muito preguiçosa. A ama da pequena não lhe fica atrás. Outro dia as duas se desentenderam e a ama me disse que além de preguiçosa é devassa a negra. Parece que uma noite dessas queria por para dentro de casa um negro da vizinhança com quem anda ela de sem-vergonhice.

BALTAZAR- Um bom castigo conserta qualquer negro.

LEONOR- Eu já cheguei a tocar o rosto dela com tição aceso.

Não sei mais que faça. Ela continua desaforada.
 LOURENÇA- Toma cuidado com ela, Leonor *Maria*.

PÁSCOA VOLTA COM UM BEBÊ EMBRULHADO EM PANOS NO COLO. ENTREGA-O A LEONOR QUE BRINCA COM A FILHA. LEVA O BEBÊ PARA DONA LOURENÇA QUE A TOMA NOS BRAÇOS.

LEONOR- Antonio acha que se parece com a senhora.

LOURENÇA- Pobrezinha! Já basta o nome que lhe puseram; o meu. Lourença é um nome que só assenta bem numa velha. Como está forte! Benza Deus.

LEONOR- Amén.

PÁSCOA- Dona Lourença está melhor das pernas?

LOURENÇA- Melhor, mas não boa de vez. Quem é que pode ficar boa depois de tres anos de cárcere na Inquisição?
 (PARA LEONOR) Você como é que está?

LEONOR- Bem, sim senhora.

LOURENÇA (OLHANDO A NORA INTENSAMENTE) - Fez-te bem o casamento, Leonor. Me desgostava ver você e Antonio amancebados como dois negros escravos. Fez-te muito bem.

LEONOR- Disso devo graças aqui à minha irmã Páscoa dos Rios.

LOURENÇA- É verdade. Como passa o tempo. Foi em casa de Páscoa e André que você conheceu Antonio José, não foi?

LEONOR- Foi, sim senhora.

PÁSCOA- Ninguém não deve nada. Depois do que padeceu minha irmã, um bom casamento era o menos que podia esperar.

LOURENÇA ACOMODA MELHOR A NETA NO COLO. OLHA LEONOR INTENSAMENTE. TEMPO.

LOURENÇA- Leonor, eu, mais que ninguém, sei o quanto dói falar no assunto, mas você nunca me contou como foi a sua prisão.

LEONOR BAIXA OS OLHOS. BALTASAR LEVANTA OS OLHOS DO LIVRO. PÁSCOA ESPERA. PASSA-SE UM TEMPO TENSO.

LOURENÇA-- Páscoa, muito discreta, me disse apenas que se havia apresentado voluntariamente aqui em Lisboa enquanto você tentava uma fuga à Espanha com a família.

MAIS UM TEMPO DE TENSA ESPERA.

LOURENÇA-- Isso. Melhor não falar. Eu compreendo. Além disso, prometemos, nós todos, ter segredo ao deixar os cárceres secretos da Inquisição.

LEONOR-- Não! Não, eu não me importo. Acho que afinal das contas foi a Inquisição que me levou a Antonio José. Não tivesse Páscoa e meus irmãos saído no mesmo auto da fé que Antonio não nos teríamos conhecido. Além disso, faz já tanto tempo. Eu tinha dezesseis anos. Estávamos fugindo para Baiona, na Espanha. Minha mãe, eu, um irmão com a mulher e os filhos, mais uma tia. Nas vizinhanças de Salamanca encontramos um homem que se dispôs levar-nos a França em carroça. Pagamos a ele. Mas assim que recebeu as quatro moedas de ouro, se apressou em nos denunciar.

TEMPO

Fui penitenciada em Valhadolid. Aí morreu minha mãe, no mesmo auto da fé.

Garrotada e queimada. Demorei lá ainda alguns anos. Depois minha irmã me chamou a Portugal. Ela e André estavam já casados.

LOURENÇA-- Duas irmãs com dois irmãos. Se mais uma houvesse o meu Baltasar teria também se casado com gente nossa.

BALTASAR TOSSE E VOLTA A LER.

BALTASAR-- Não vamos mais uma vez falar disso, mãe.

LOURENÇA-- Por que não, filho? Nada tenho contra sua mulher por ser ela cristã velha. Ao contrário, me trata ela como se fosse minha filha verdadeira. Só uma filha devotada recebe em casa para morar a sogra cristã nova.

BALTASAR- Para ela e para mim pouco importam essas distinções, mãe. Falamos já disso tantas vezes. Que culpa tem ~~minha~~ ^{Antonio Teodora} mulher de ser cristã velha? Ou de ter comigo se casado?

NO CLIMA TENSO ANTONIO JOSÉ ENTRA, RISONHO E ALEGRE.

ARREBATA O BEBEZINHO DOS BRAÇOS DE LOURENÇA E LEVANTA-O NO AR.

ANTONIO- Diz-me, por tua vida: ^{qualis} viste ~~uma~~ mais valoroso cavaleiro que o teu pai em todo mundo descoberto? Lê-se nas histórias de algum que tenha mais valentia, mais perseverança, mais arte em vencer os inimigos??
- (atendendo a Sancho Pança) -
Valha a verdade eu nunca li histórias porque não sei ler nem escrever, respondeu Sancho.

LEONOR SE APROXIMA E TOMA DELE A CRIANÇA.

LEONOR- Cuidado com a pequena, Antonio.

ANTONIO BEIJA A MULHER E VAI ATÉ A MÃE. AJOELHA-SE AO LADO DELA? ABRAÇA-A CARINHOSAMENTE BEIJANDO-LHE EM AMBAS AS FACES.

LOURENÇA- De novo com a cabeça cheia dessas histórias, Antonio José?

ANTONIO- É o quixote, mãe. O gênio de Cervantes.

ELE SE LEVANTA E VAI BEIJAR PÁSCOA NA FACE.

LOURENÇA- Eu sei que é do D. Quixote. E você a cada dia mais se parece com ele.

ANTONIO- Não. Eu fui Quixote, agora sou Sancho.

ANTONIO ABRAÇA CALOROSAMENTE O IRMÃO BALTASAR.

ANTONIO- André não vem?

PÁSCOA- André agora é tesoureiro da irmandade da Conceição dos Recolhidos em Aldeia-galega. Passa mais tempo por

- aquelas bandas que aqui.
- ANTONIO- André continua sempre pronto a alardear devoção. Despertaria menos atenção se fosse menos beato.
- LOURENÇA- Não fale assim de seu irmão. Que dizer de você, então? Não bastasse a comédia sobre Dom Quixote escreveu mais outras depois. Isso sim é que chama a atenção.
- ANTONIO- Não tem perigo nenhum, minha mãe.
- LOURENÇA- Para quem é da nação, nos tempos de hoje tudo é perigoso.
- ANTONIO- A platéia só busca o riso fácil, a sátira e o prazer dos olhos. A eles pouco importa saber quem é o autor. Os espectadores não indagam e eu não divulgo que sou eu que escrevo as peças do Teatro do Bairro Alto. Assim é.
- LOURENÇA- Que teatro é esse?
- ANTONIO- Fica num salão do antigo palácio do Conde de Soure, na rua da Rosa.
- LOURENÇA- Não conheço.
- PÁSCOA- A senhora quase não sai mais, dona Lourença. Há tanto tempo não vem nos visitar. André sente sua falta.
- LOURENÇA- Aqui em casa de Antonio venho porque é no mesmo prédio. Sair à rua, não. Depois que fiquei viúva prezo mais o meu retiro, filha.
- ANTONIO- Devia ir ao Bairro Alto e ver uma das minhas óperas, mãe.
- LOURENÇA- Deus me livre e guarde! Pois se quando vocês eram pequenos morávamos em frente ao Pátio das Comédias e eu nunca lá fui!
- BALTASAR- É divertimento para a gatinha.
- ANTONIO- Ora, quem está falando. Você perdeu o fôlego de rir com o meu Quixote, Baltasar.
- BALTASAR- Ri, não nego. Mas é coisa para o populacho.
- ANTONIO- Não, não é. Vê-se na platéia gente de todas as castas. Até frades. Sem contar que o próprio Voltaire é amador do espetáculo. E Malézieu que é matemático e da Academia Francesa não se envergonha de escrever para o teatro.
- BALTASAR- Só que aqui não estamos em França.

LEONOR- Eu vou levar a pequena para a ama.

PASCOA- Vou com você.

SAEM AS DUAS COM O BEBÊ.

LOURENÇA- Eu não sei de onde lhe veio esse gosto pelo teatro.

BALTASAR- É do tempo em que morávamos na rua dos Arcos. Antonio

pai aqui
~~José atravessava a rua e ficava a lamentar a magreza~~
 de sua bolsa de estudante, ~~com inveja~~ ^{com inveja} dos felizes que pagavam ingresso e entravam para o Pátio das Comédias.

ANTONIO- Pode ser. Deve ser, sim.

LOURENÇA- Você devia era ter seguido o exemplo de teu pai. Era bonito o que ele escrevia!

ANTONIO- Mãe! Eu não poderia nunca escrever ^{vida} a ~~diá~~ de santo nenhum.

LOURENÇA- Devia escrever sobre Santa Rita, descrever seus milagres.

ANTONIO- Mãe! A senhora está feito o André: judeu e beato.

LOURENÇA- Não fala assim do teu irmão. E fique você sabendo que foi Santa Rita quem me acudiu quando no Santo Ofício me vi dependurada da polé.

ANTONIO- Mamãe! Foi por ela que a senhora chamou, mas isso não quer dizer que ela acudiu. Se Santa Rita a quisesse salvar não teria permitido que minha mãe fosse martirizada pelos monstros Inquisidores.

LOURENÇA- Nem de todos se pode dizer isso, filho. Devo imensa gratidão ao Inquisidor João Pais do Amaral. Foi ele que resolutamente assumiu minha defesa.

ANTONIO- A mim também ele interrogou todas as vezes. É mais humano que os outros, mas de nada me valeu. Nem valerá.

LEONOR VOLTANDO ESCUTA A ÚLTIMA FRASE. E COMEÇA A CHORAR.

LEONOR- Não fala assim, Antonio. Fico tão aflita de pensar que ~~nos~~ ^{nos} podem ~~nos~~ prender outra vez.

ANTONIO A ABRAÇA, CONFORTADOR.

LOURENÇA- Esse risco corremos sempre. É por isso que me preocupa, filho, que se exponha assim escrevendo essas comédias.

ANTONIO- Nisso não há perigo, mãe. Ninguém sabe que eu sou o autor. E não tem nisso o Santo Ofício nenhum interesse. Um dia, no futuro, quando for menor a intolerância, minhas obras serão publicadas. E mesmo algum censor da Inquisição, depois de lê-las, haverá de dizer:

"O sal destes escritos foi, com arte, extraído dos mares da eloquência, dentro das margens da modéstia e não há neles nada contra a fé."

BATIDAS FORTES NA PORTA DE ENTRADA. TODOS SE IMOBILIZAM, OLHANDO A DIREÇÃO DAS BATIDAS QUE SE REPETEM, ANTONIO JOSÉ CONTINUA ABRAÇADO À MULHER. D. LOURENÇA AFASTA DAS PERNAS O COBERTOR, BALTASAR SE PÕE DE PÉ ABANDONANDO O LIVRO. BATEM FORTE MAIS UMA VEZ. TEMPO. PÁSCOA AVANÇA, APAVORADA, LIDERANDO UM CORTEJO SINISTRO DE FRADES E NOBRES. SEM DIZER UMA PALAVRA SÃO TODOS CONDUZIDOS PARA FORA. ANTONIO JOSÉ FICA, LADEADO POR DOIS FRADES ENCAPUÇADOS. A NEGRA ENTRA E ENTREGA A ELE UM COLCHÃO ENROLADO E UMA TROUXA DE ROUPAS. ANTONIO JOSÉ OLHA PARA ELA, ELA FOGE AO OLHAR, PERTURBADA, SAI CORRENDO DE CENA. OS FRADES CONDUZEM ANTONIO A OUTROS DOIS FRADES QUE O ESPERAM DO LADO OPOSTO DO PALCO. ANTONIO JOSÉ É APALPADO DOS PÉS À CABEÇA COMO NAS REVISTAS DA POLÍCIA, POR UM DELES ENQUANTO O OUTRO EXAMINA SUA TROUXA E DE DENTRO RETIRA UM PILHA DE PAPEL, UM TINTEIRO E PENA. DE SEU BOLSO O PADRECO RETIRA ALGUMAS NOTAS.

PADRECO- Ao preso não é lícito ter faca ou qualquer instrumento com que possa ferir ou ferir-se, nem papel, nem tinta, nem pena com que escrever, nem jóias, nem dinheiro. É-lhe exigido silêncio e se-lhe proíbe buscar comunicação com os prêsoes em outras celas.

OS PADRESSE RETIRAM. A SÓS, ANTONIO JOSÉ ESTENDE SEU COLCHÃO SOBRE O CATRE E OLHA EM TORNO EXAMINANDO A CELA. ALÉM DO CATRE UM BANQUINHO, UM BAÚ, UMA BACIA E UM JARRO DE ÁGUA.

UMA VOZ- Mais um infeliz que chega a nos fazer companhia.
Quem é você, irmão? Qual o seu nome?

ANTONIO VAI RESPONDER MAS SE CALA. OUVEM-SE PASSOS PESADOS.
UMA PORTA QUE SE ABRE COM GUINCHO AGUDO, UM CHICOTE QUE ESTALA MUITAS
VEZES, SEGUIDO DE GRITOS DE DOR. O CHICOTE E OS GRITOS CESSAM.
GUINCHA A PORTA NOVAMENTE AO SE FECHAR.

OUTRA VOZ- Cumprida a justiça que mandam fazer os senhores
Inquisidores ao preso que ofende o regulamento.

ANTONIO JOSÉ TAPA OS OUVIDOS COM AS MÃOS, SEM DESESPERO, DEITA-SE
NO CATRE DE COSTAS PARA A PLATÉIA.
AS LUZES SE APAGAM MUITO LENTAMENTE.

ENQUANTO A LUZ SE APAGA SOBRE ANTONIO JOSÉ, ACENDE-SE NO MESMO RITMO EM UMA DAS GALERIAS.

UM VIGIA SE COLOCA NA GALERIA, ACOMODA-SE E OBSERVA FIXAMENTE ANTONIO JOSÉ, SEM TIRAR OS OLHOS DELE DURANTE TODA A CENA QUE SE SEGUE. APAGA-SE LENTAMENTE A LUZ DO VIGIA, ENQUANTO SE ACENDE NO MESMO RITMO EM OUTRO PONTO DO PALCO.

ENTRE OS TRES PÚLPITOS DOS INQUISIDORES ESTÁ A NEGRA ESCRAVA, TENSA.

INQUIS. 1- E por que pediu audiência uma vez que está apenas reservada no cárcere da penitência não havendo contra si nenhuma acusação?

NEGRA- Porque quero sair, sô padre. Quero o perdão de vossas mercês porque faltei com a verdade nas perguntas que me fizeram hoje de manhã. Porque me meteram medo em casa da minha ama. Me disseram que os santos padres mandam enforcar quem vem aqui falar mal dos outros. Eu quero contar tudo o que vejo. Tudo.

OS INQUISIDORES COCHICHAM ENTRE SI. A NEGRA ASSISTE E NÃO ESPERA SEGUNDA PERGUNTA- DESANDA A FALAR.

NEGRA- Hoje é quinta-feira, pois não? Faz oito dias eu vi a minha ama Lourença Coutinho e a irmã dela, Izabel Cardozo, as duas se lavando quinta feira de manhã. Onde já se viu, sô padre, se lavando na quinta feira! E o filho também, que esse não fica atrás. Antonio José e a mulher dele, Leonor Maria, os dois se lavam também. Na sexta feira se lavaram, antes da janta.

SUAVEMENTE A LUZ AMANHECE SOBRE ANTONIO JOSÉ E SOBRE O VIGIA. E BAIXA NA NEGRA E NOS INQUISIDORES QUE PERMANECEM NO LUGAR. ANTONIO JOSÉ DESPERTA SUAVEMENTE, ESTICA O CORPO AINDA DEITADO, LENTAMENTE SENTA-SE NA CAMA. O VIGIA, ALERTA AO PRIMEIRO MOVIMENTO DELE, OBSERVA-O ATENTO.

ANTONIO JOSÉ VAI ATÉ A BACIA, VERTE ÀGUA DA JARRA E LAVA O ROSTO

ENXUGA-SE NA TOALHA E VAI ATÉ A PORTA DO CÁRCERE. OLHA PARA FORA. AJOELHA-SE, BEIJA O CHÃO E LEVANTA-SE. OUVEM-SE PASSOS. ELE OLHA PARA FORA. UMA VOZ DIZ BOM DIA, ELE RESPONDE E RECEBE UMA TIGELA COM COMIDA. COLOCA-A SOBRE O BAÚ E FICA OLHANDO PARA ELA ENQUANTO OS PASSOS SE AFASTAM. VIRA AS COSTAS PARA A TIGELA SOBRE O BAÚ E PASSEIA LENTAMENTE PELA CELA, MOVENDO OS LÁBIOS DE VEZ EM QUANDO. A LUZ TORNA A BAIXAR UM POUCO SOBRE ELESE O VIGIA, DEIXANDO OS DOIS NA PENUMBRA, E SE ACENDE OUTRA VEZ SOBRE A NEGRA QUE CONTINUA COM TODA ANIMAÇÃO.

NEGRA- Eles me mandam esfregar a casa em dia de quinta feira, em dia de sexta feira e mandam limpar tudo muito bem. Até as paredes eu tenho que espanar. Tenho. E nessas ocasiões de quinta e sexta feira, de qualquer dia santo lá deles a Leonor Maria faz a cama dela sozinha e nem me chama pra ajudar. E bota roupa lavada na cama. Com aquele asseio que não tem nos outros dias, não. Aí, quando o sol se põe e chega a hora da Ave Maria, ela se põe a chorar, diz que dói, aqui, dói ali, que está doente, mas eu sei, eu percebo que é tudo malícia e fingimento porque é de repente que começa a dizer que está molestada.

EM SUA PENUMBRA ANTONIO JOSÉ TORNA A SE DEITAR, O VIGIA SE ACOMODA.

NEGRA - Mas essa história de jejum, isso eu não sei dizer não senhor sô padre porque quando ela vai se deitar nesses dias não me deixa entrar no quarto para nada. Na sexta-feira mesmo, essa passada, eu dei um prato com salada e ovos pro marido. Antonio José levou o prato para dentro do quarto, levar, levou, mas se comeu eu não sei não senhor. Se não vi, não posso falar, não é assim? Não vi nada. E no dia seguinte, que era sábado, vestidos todos quatro com camisa lavada, acho até que a Leonor e o marido Antonio José estavam de camisa nova, estiveram

todo o dia sem comer nem beber. Aí, ela me disse para mim assim: Deus não falta nunca, porque temos o que jantar. Isso porque a irmã dela que chama Páscoa, Páscoa dos Rios, tinha mandado peixe frito e abóbora. O peixe, eu lembro bem, o peixe era linguado. É. Eu vi porque abri o armário escondido dela, sabe? Eu abri porque estava com fome e em jantar ninguém falava. Aí eu me fiz para mim uma posta de bacalhau e um pouco de arroz. Depois o Antonio José me pediu de comer para a mãe dele, dona Lourença, minha ama, mas para mim era tudo afetado porque nenhum deles não comeu não. Me disseram: está o melhor arroz que você já fez, negra. Mas não era possível que no tempo que pegavam o arroz, passado menos de um credo, já tornavam a trazer o prato sem arroz dizendo que estava bom, muito bom.

A LUZ BAIXA SOBRE A NEGRA E OS INQUISIDORES, SOBE SOBRE ANTONIO JOSÉ E O VIGIA, NO MOMENTO EXATO EM QUE ELE SE LEVANTA DA CAMA E DÁ UMA VOLTA PELA CELA, MOVENDO OS LÁBIOS E GESTICULANDO LIGEIRAMENTE, COMO SE FALASSE COM ALGUÉM. ANTONIO JOSÉ VAI ATÈ A PORTA E OLHA O CÉU. O VIGIA, VIGIA. NO CÉU SURGEM ESTRELAS.

ANTONIO JOSÉ OLHA A TIGELA DE COMIDA SOBRE O BAÚ, PEGA-A E VAI DESPEJAR O CONTEÚDO SOBRE ALGUM RECIPIENTE QUE ESTARÀ ESCONDIDO DETRÁS DO BAÚ. LAVA A TIGELA, COLOCA-A DE BOCA PARA BAIXO E SOBRE ELA COLOCA UMA LAMPARINA DE PAVIO. RETORCE NA MÃO UMA TIRA DE PAPEL GROSSO QUE JÁ ESTAVA TORCIDA. OUVEM-SE PASSOS, ELE SE VOLTA E APROXIMA-SE DA PORTA. OUVEM-SE ALGUÉM QUE DIZ BOA NOITE. ANTONIO JOSÉ RESPONDE E ESTENDE O PAPEL RETORCIDO. ALGUÉM TOCA A CHAMA DE UMA VELA NO PAPEL. ANTONIO JOSÉ RETORNA E ACENDE A LAMPARINA. SOPRA A TORCIDA DE PAPEL, PEGA UMA PANO E VOLTA À PORTA. ALGUÉM COLOCA ALGUMAS LARANJAS NO PANO. ANTONIO JOSÉ RETORNA E COLOCA AS LARANJAS NO CHÃO. OS PASSOS SE AFASTAM. ANTONIO JOSÉ ABRE O BAÚ E DE DENTRO RETIRA UMA OUTRA TIGELA COM OVOS, PÃO, UM PEDAÇO DE QUEIJO. ARRUMA TUDO SOBRE O BAÚ. SOA UM SINO. O VIGIA FAZ O SINAL DA CRUZ E AJOELHA-SE PARA REZAR, SEM TIRAR NUNCA OS OLHOS DE ANTONIO JOSÉ. ELE SE AJOELHA TAMBÉM,

SE BENZE APRESSADAMENTE E FICA UM TEMPO EM ORAÇÃO, SEM PORÉM, COLOCAR AS MÃOS EM POSIÇÃO DE PRECE. E LOGO SENTA-SE E COMEÇA A COMER. E CONTINUA COMENDO DURANTE TODA A CENA SEGUINTE.

A LUZ TORNA A BAIXAR ATÉ PENUMBRA SOBRE ANTONIO JOSE E O VIGIA, ENQUANTO SOBE NO MESMO RITMO SOBRE A NEGRA E OS INQUISIDORES.

NEGRA- Eles quase nunca vão à missa. A minha ama, a irmã dela, o filho e a nora. Estão com boa saúde todos os dias da semana. Até o sábado. Chega o sábado se faz tudo de doente para se abster do trabalho, para não ir à missa no domingo. Mas quando vai algum amigo preso aqui no cárcere do Santo Ofício, aí, sim, pegam de rezar e ir na igreja muito para morde ninguém não poder dizer que eles são herejes. Mas a gente toda daquela casa vive como hereje, não tem fé. Menos sô Baltazar que é o filho mais velho e mora também na casa com a mulher dele, Antonio Teodora, chamada. Esses, sim, esses são cristãos. O resto, mais ele também, já foram todos presos. Até o senhor marido de dona Lourença que já morreu, Deus o tenha em seu santo reino. Mas todos, menos sô Baltazar e a mulher, todos não têm emenda. Continuam vivendo como antes da prisão.

OS INQUISIDORES SE ENTREOLHAM E COCHICHAM ENTRE SI. TORNAM A OLHAR A NEGRA E NADA DIZEM. DESCONCERTADA ELA OLHA DE UM PARA O OUTRO.

NEGRA- É isso. Isso tudo estou eu contando para os senhores santos padres para descarrêgo da minha consciência. Não é por ódio, não, nem má vontade que eu tenha contra essa gente. Aparte a heresia são gente boa. E quando me castigam é porque a negra merece mesmo a chibata alguma vez.

INQUIS. 3- Que seja levada de volta a seu cárcere.

NEGRA- De volta? Mas eu contei. Eu contei tudo. Eu quero ir me embora, sô padre.

INQUIS. 3- Leve!

UM PADRE ENCAPUÇADO QUE ASSISTIA AO INTERROGATÓRIO, AGARRA A NEGRA E VAI LEVANDO PARA FORA. ELA SE DEBATE E SAI GRITANDO.

NEGRA- Eu não quero ficar aqui! Não sou judia, não sou bruxa. Eu quero ir me embora. Eu tenho medo da cela escura. Por amor de Deus, me solta. Eu estou com criança. Estou com criança. Me deixa. Eu quero sair, quero sair.

O PADRE E A NEGRA SAEM. BAIXA A LUZ SOBRE OS INQUISIDORES. ~~XXXXXXXXXX~~
~~XX~~

SOBE LIGEIRAMENTE A LUZ SOBRE ANTONIO JOSÉ E O VIGIA.

ANTONIO ESTÁ TERMINANDO DE GUARDAR AS COISAS QUE COMEU. DEPOIS LEVANTA-SE, LAVA RAPIDAMENTE AS MÃOS NA ÁGUA DA BACIA. PASSA OS DEDOS MOLHADOS NOS LÁBIOS. SUSPIRA, CAMINHA LENTAMENTE ATÉ A PORTA, OLHA O CÉU UM LONGO TEMPO. O VIGIA OLHA TAMBÉM O CÉU. E TORNA A OLHAR PARA ANTONIO JOSÉ. LENTAMENTE ANTONIO JOSÉ APONTA A ESTRELA.

A LUZ SE APAGA LENTAMENTE SOBRE ELE. NA PENUMBRA ELE RETORNA PARA A CAMA, DEITA-SE E SE ACOMODA, DE COSTAS PARA A PLATÉIA. IMÓVEL, NO ESCURO QUE SE FEZ.

O VIGIA LEVANTA-SE E SE ESPREGUIÇA, FRICCIONANDO OS JOELHOS E AS COSTAS DORMENTES. OUTRO VIGIA CHEGA. SEM DIZER UMA PALAVRA, MOVENDO-SE COM MUITO CUIDADO, OS DOIS SE CUMPRIMENTAM E O PRIMEIRO VIGIA SE RETIRA PÉ ANTE PÉ. O NOVO VIGIA SE ACOMODA EXATAMENTE IGUAL AO ANTERIOR E FIXA ANTONIO JOSÉ EM SUA CAMA.

A LUZ CAI SOBRE ELE ATÉ BLACK OUT,

ENQUANTO SE ACENDE SOBRE OS INQUISIDORES EM SEUS CARROS.

O PRIMEIRO VIGIA ENTRA CAUTELOSO, RESPEITOSO E SE COLOCA NO CENTRO.

INQUIS. 1- Senhor familiar do Santo Ofício Francisco dos Reis Campos, subi o senhor a alguma das vigias dos cárceres desta Inquisição e o que viu?

FRANCISCO- De ordem do senhor alcaide dos cárceres secretos subi

eu a uma das vigias ocultas nos florões do teto e era a vigia do sexto cárcere do corredor meio novo e vi um preso deitado sobre a cama e era ele de mediana estatura, claro, magro, cabelo curto e quando se levantou da cama, seriam umas seis horas da manhã, lavou-se numa bacia que tinha sobre a canastra, depois foi para a porta do cárcere onde se ajoelhou, beijou os ladrilhos e depois pôs-se a passear pelo cárcere e depois se deitou sobre a cama onde demorou até quase o meio dia, quando então pôs-se de novo a passear até a uma hora, e tornou a deitar-se e isso fez repetidas vezes até quase a hora da Ave Maria.

INQUIS. 1- Entende o senhor familiar que o dito preso estava são e bem disposto para poder comer, se quisesse por não moléstia que o impedisse?

FRANCISCO- Sim. Tinha no cárcere pão, ovos, queijo e laranjas que podia comer se não gostasse da comida que se lhe deu. Mas em vez de comer o caldo e a carne que lhe foram trazidos, deixou-os ficar sobre o baú e quando chegou a hora da Ave Maria, jogou o caldo e a carne no vaso imundo. E a essa hora recebeu as boas-noites do alcaide, que respondeu, aceitou o lume numa torcida, acendeu com ela o candeeiro e ao ouvir a Ave Maria pôs-se de joelhos, benzeu-se apressadamente e esteve de joelhos o tempo em que se podem dizer tres Ave Marias e depois sentou-se e comeu. E por volta das oito horas demorou-se à porta do cárcere na diligência de ver a estrela. Depois deitou-se e dormiu.

INQUIS. 1- No decurso de tempo em que vigiou o preso, lhe viu fazer alguma ação de católico?

FRANCISCO- Quando tocaram a Ave Maria ajoelhou-se e benzeu-se, mas se com efeito rezou ou fingiu rezar eu não tenho meios de saber.

INQUIS. 1- E por que acredita o familiar não ter o preso comido a ração que se lhe deu?

FRANCISCO- Pela experiência que tenho de semelhantes vigis o preso nesse dia jejuou judaicamente.

INQUISIDOR 3 DÁ UMA PALMADA VITORIOSA SOBRE A MURETA DE SEU PÚLPITO
INQUIS. 3- Voilá!

OS CARRINHOS-PÚLPITO SE AFASTAM RAPIDAMENTE.

SOZINHO O VIGIA BOCEJA E SE ESPREGUIÇA E DEIXA O PALCO COM PASSOS PREGUIÇOSOS DO DEVER CUMPRIDO.

BLACK OUT

NO ESCURO OUVEM-SE RISOS QUE VÃO AUMENTANDO DE INTENSIDADE.

OS RISOS CESSAM, A LUZ SE ACENDE SOBRE O PALQUINHO.

CERCADO PELO PÚBLICO SANCHO PANÇA FAZ O SEU INVENTÁRIO:

ACENDE-SE A LUZ. SOBRE O PALQUINHO SANCHO PANÇA, TERESA PANÇA, SUA MULHER E A SUA FILHA CANTAM.

"SANCHO- Adeus, Teresa Amada.
 TERESA- Não posso dar um passo.
 SANCHO- Adeus, que não é nada.
 TERESA- Ó, triste desgraça! (A FILHA FAZ CORO NESTA FALA)
 SANCHO- Dá cá, dá cá um abraço.
 TERESA- Ai, que eu quero desmaiar.
 Mas ai de mim, que vejo?
 SANCHO- Amado caranguejo.
 TERESA- Teu vil rigor não chora?
 SANCHO- Chora tu, bela aurora,
 que eu nunca em despedidas quis chorar.

(CESSA A MÚSICA, PROSSEGUE A CENA DEBAIXO DE APLAUSOS FROUXOS DO POPULACHO)

TERESA- Marido, segunda vez quereis vos ausentar de meus sujos braços?
 FILHA- Valha-me Deus! Senhor, vossa mercê ainda se mete com esse Dom Quixote?
 SANCHO- Calai-vos, porquinha. Se vou é para buscar fortuna para casar-te. E sem dúvida que desta vez faço um fortunão, pois diz meu amo senhor Dom Quixote que logo há de me dar uma ilha para governar. E vejam vocês! Sendo eu governador de uma ilha trarei dinheiro como milho e teremos pão como terra!
 TERESA- Ai, marido. Se é assim vás logo.
 FILHA- Então eu hei de ter dote?
 SANCHO- Essa é boa! E deixaria de ter dote a filha de um governador? Parece que já estou vendo e ouvindo as vizinhas: quando saíres à rua, todas dirão: lá vai a filha do governador Sancho Pança.
 TERESA- E eu, marido, como hei de andar?

SANCHO- Há de andar de cadeirinha para não pores os pés no chão. Mas esse não é o caso. Vamos ao testamento.

TERESA- Muito bem. Agora veja^o que em tudo sois prudente,

SANCHO- Vós ainda não sabeis que marido tendes.

TERESA- Disso me queixo eu que tanto experimento. A miséria com que me tratais, me faz ver estrelas ao meio dia. E sendo casada convosco há quarenta e dois anos, seis meses, tres semanas, doze hor^{as}~~as~~, oito minutos e vinte instantes, nunca em vossa companhia me vi com a barriga cheia.

SANCHO- Quando eu for governador, tereis a vossa barrigada. Ide chamar o tabelião.

A FILHA VAI SAIR, VEM CHEGANDO O TABELIÃO.

FILHA- Mas aí vem ele. Deus o trouxe a bom tempo.

TABELIÃO- Que Deus guarde a vossa mercê, senhor Sancho Pança.

SANCHO- Saberá vossa mercê que eu quero fazer o meu testamento por escrito?

TABELIÃO- Testamento eu nunca fiz. Contudo, já fiz um escrito de casamento para uma negra e quem faz uma coisa, também faz a outra.

SANCHO- Isso basta até demais. Ora, ponha uma perna sobre a outra, sentado bem a seu gosto e escreva à vontade.

TABELIÃO SE ACOMODA COM PAPEL E PENA DE ESCREVER.

SANCHO- Declaro para descargo da minha consciência que me chamo Sancho Pança, natural de bom gênio. Declaro mais, que fui casado dezenove vezes, todas contra a minha vontade. Que desta última mulher tenho...

TERESA- Teresa, sua criada.

SANCHO-

quieta, sua tóla. Não embarace o fio da história. Tenho tres filhos, cujos nomes não me lembro agora. Que sou senhor e possuidor de muitos bens móveis e de raiz. Os bens móveis vêm a ser: duas vassouras do Algarve, trinta e tres cadeiras que já deram com seu couro ao chão, mais um bufê de pau que me veio de um navio. Tres painéis em muito bom estado, pintados, um com o Mundo às avessas, outro com # figura de navio pintada por meu filho mais novo e outro que já não se sabe que pintura tem, mas suponho que devia ser muito boa. Um espelho já sem aço, uma excelente manta de retalhos que veio do Japão e outra que veio do Já-queijo. Uma formosa teia de aranha, duas colheres de tartaruga bastarda e o mais trem de cozinha.

Agora, vamos aos bens de raiz: declaro que tenho algumas casas na minha roupa, uma parreira no meu telhado e dois vasos com plantas. Passemos agora ao meu gado: em primeiro lugar tenho um burro, que chamam Ruço por apelido. Tenho mais algumas cadelas paridas. Declaro que não me devem nada e que eu devo os cabelos da cabeça. Deixo à minha mulher tudo quanto puder roubar no inventário. Deixo à minha filha Sanchica o meu bom coração e aos meus dois filhos não deixo nada, porque se quiserem que roubem, como eu fiz."

NAS ÚLTIMAS DUAS FRASES DE SANCHO A LUZ VAI CAINDO SOBRE ELE, E SUBINDO SOBRE ANTONIO JOSÉ ENTRE OS CARRINHOS DOS INQUISIDORES. AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE SANCHO SE MISTURAM COM AS PRIMEIRAS PALAVRAS DE ANTONIO JOSÉ, QUE FAZ SEU INVENTÁRIO À SANTA INQUISIÇÃO.

ANTONIO-

Uma biblioteca, da qual alguns livros pertencem a meu irmão Baltazar Rodrigues Coutinho. Não sei quanto poderão valer.

Um bufê de pau santo com tres gavetas e seis tamborettes forrados que poderão valer nove mil e seiscentos réis.

Um baú de couro e uma arca de pau que devem valer tres mil e quinhentos réis. E no baú devem estar alguns vestidos de minha mulher. Não sei quanto poderão valer. Uma peça de seda que ainda não paguei e que devo a Manuel Baltazar de Chaves, comerciante.

Hum... Deixe ver... Seis colheres e seis garfos de prata. Não me lembro quanto custaram.

As jóias. Ia me esquecendo das jóias.

Dois cordões de ouro, finos, pertencentes a minha mulher. Pêso?

ESCRIVÃO-

ANTONIO-

Peso? Não, não sei quanto pesam. Dei também à minha mulher Leonor Maria um pingente de diamantes no nosso casamento. Um pingente de diamantes que me custou tres moedas e meia de ouro, mais os brincos, de diamante também e que custaram duas moedas de ouro.

E mais dois pares de botões de ouro com rubis que não sei quanto podem valer.

Além disso... Um tacho e um candeeiro velho que não sei quanto valem. Mais um banquinho de pau que estava na cozinha quando saí. E talvez atrás da porta...

INQUISIDOR 3- Dívidas a receber?

ANTONIO-

Não, a mim não me devem coisa alguma. Eu é que estou devendo a José Gonçalves Rocha, mercador na rua dos Escudeiros, sete mil trezentos e noventa réis de tecidos que comprei. E devo também a Pedro Affonso, o aguadeiro, dezesseis tostões de água que ele entregava em casa. E acho que devo também dois tostões à lavadeira que não sei como chama, nem onde mora.

PASSA-SE UM TEMPO. CANSADO, MAS SEGURO E LIGEIRAMENTE IRÔNICO,
ANTONIO JOSÉ OLHA OS INQUISIDORES QUE TAMBÊM DEMONSTRAM CANSAÇO.

ANTONIO-

Bom... É isso o que tenho a declarar a respeito do meu inventário.

INQUIS. 2-

Que lhe seja lido o termo de mandado para que assine.

ANTONIO- Não é preciso. Tudo o que nele vai, é escrito na verdade.
Eu nada mais posso além dos bens que declarei.

O ESCRIVÃO LEVA O LIVRO ATÉ ANTONIO JOSÉ E ELE ASSINA.

DEPOIS LEVA AO INQUISIDOR 1 QUE TAMBÉM ASSINA.

OS INQUISIDORES E O NOTÁRIO SE RETIRAM ENQUANTO ANTONIO JOSÉ É LEVADO DE VOLTA A SUA CELA POR DOIS PADRES ENCAPUÇADOS.

ANTONIO JOSÉ SE SENTA EM SUA CAMA E FICA OLHANDO OS PADRES SAÍREM DE CENA. RESPIRA FUNDO E SE DEITA, ENCOLHIDO, DE FRENTE PARA A PLATÉIA. ELE NÃO REPARA NA FIGURA SENTADA SOBRE O BAÚ, ENVOLTA EM SUA CAPA E TÃO CURVADA QUE NEM O PÚBLICO DEVERÁ TER PERCEBIDO SUA PRESENÇA.

QUANDO SE OUVI SUA VOZ, ANTONIO JOSÉ PROCURA EM TORNO E LEVA ALGUM TEMPO PARA LOCALIZAR A FIGURA QUE SE DESDOBRA AOS POUCOS, FALANDO SUAVEMENTE, A PRINCÍPIO DE COSTAS PARA A PLATÉIA, DEPOIS VOLTANDO-SE DE FRENTE, DESPRENDENDO VAGAS NUVENS DE PÓ ENQUANTO FALA E SE MOVE, ATÉ FICAR DE PÉ; REVELANDO A IMENSA DIGNIDADE DA ESGUIA FIGURA DE DOM QUIXOTE DE LA MANCHA (O DE CERVANTES).

D. QUIXOTE- Ditosa era
afortunados anos
felizes aqueles séculos que os antigos chamavam de
idade de ouro.
Não porque nesse tempo se conseguisse o ouro sem trabalho.
Não.
Mas sim porque então não se conheciam as palavras
teu e meu.
Tudo era de todos naquela idade dourada.
Para conseguir o seu sustento, ninguém precisava mais
que levantar a mão e apanhar das árvores os doces e
perfumados frutos.
As claras nascentes e os rios correntes ofereciam a
todos as águas saborosas e transparentes.
Nos vãos das pedras e dos troncos, as abelhas formavam
suas repúblicas, oferecendo a todos, sem interesse algum,
a abundante colheita do seu doce trabalho.

Tudo então era paz, tudo amizade, tudo concórdia.

ANTONIO JOSÉ SENTOU-SE NA CAMA, ENQUANTO D. QUIXOTE SE APROXIMOU LENTA E SUAVEMENTE DELE. D. QUIXOTE SENTA-SE AO LADO DELE, ETÉREO, IMATERIAL, ENVOLTO EM NUVENS DE PÓ.

D. QUIXOTE- O arado ainda não tinha se atrevido a rasgar as entranhas da nossa primeira mãe e ela, sem que ninguém a obrigasse, oferecia por toda parte o seu seio fértil e amplo, para sustentar, fartar e deleitar os filhos que a possuíam.

Então, sim, andavam as simples e formosas pastoras de vale em vale, vestindo só o necessário para encobrir honestamente o que a honestidade quer e quis sempre que se cubra. Mas não eram os seus adornos como os que hoje se usam, exagerados. Não. Eram folhagens de verde bardana e hera, entretecidas.

Então, a alma simples mostrava o seu amor sem os rodeios artificiais que hoje encarceram os sentimentos.

DOM QUIXOTE SE PÕE DE PÉ, PENSATIVO E ALHEIO, A TRISTE FIGURA PAIRANDO SOBRE ANTONIO JOSÉ SENTADO ENCOLHIDO, ATENTO E MARAVILHADO EM SUA CAMA.

D. QUIXOTE- A verdade e a simplicidade ainda não tinham se misturado com a fraude, com o engano, com a malícia.

A justiça se mantinha em seus limites próprios, sem que ninguém ousasse perturbá-la, nem ofendê-la com o favor e o interesse ~~xxx~~ que hoje tanto enxovalham, perturbam e perseguem a justiça.

PENSATIVO DOM QUIXOTE DÁ UNS PASSOS DE VOLTA AO BAÚ, FALANDO CALMO.

D. QUIXOTE- Na idade de ouro nenhum juiz tinha ainda metido na cabeça que devia julgar, porque ainda não havia julgadores, nem pessoas a serem julgadas.

DOM QUIXOTE TORNA A SENTAR-SE ~~XXXXXX~~ COM SUA POEIRA SOBRE O BAÚ;
ANTONIO JOSÉ SE DEITA DE BRUÇOS PARA ESTAR MAIS PRÓXIMO DELE E
OUVIR MELHOR, ATENTO, MARAVILHADO.

D. QUIXOTE- As donzelas e a honestidade andavam por toda parte
desguardadas e seguras, sem medo...
Mas agora, neste nosso tempo detestável, nem umas,
nem outra estão seguras.
Com o andar dos tempos foi crescendo a malícia.
E por isso se instituiu a ordem dos Cavaleiros Andantes,
defensora das donzelas, amparadora das viúvas,
socorredora dos órfãos e necessitados.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

TEMPO

Dessa ordem sou eu.

D. QUIXOTE SE CALA E SE IMOBILIZA, COMO UMA ESTÁTUA EMPOEIRADA.
ANTONIO JOSÉ SE ACOMODA NA CAMA E PROSSEGUE O TEXTO DE QUIXOTE COM
A MESMA SUAVIDADE DELE, RETOMANDO O DISCURSO DE D. QUIXOTE ONDE ELE
PAROU, ENQUANTO AS LUZES VÃO SE APAGANDO LENTAMENTE.

ANTONIO- Dessa ordem sou. ^{eu} E por lei natural, todos os viventes
estão obrigados a favorecer aos cavaleiros andantes.
E a todos que ignoram essa obrigação, eu agradeço se
apenas me acolherem de boa vontade.

BLACK OUT

⌘ TEMPO EM SILÊNCIO

~~XXXXX~~ MUSICA.

ACENDE-SE A LUZ DO PALQUINHO DO TEATRO DO BAIRRO ALTO.
 SANCHO E QUIXOTE ESTÃO MONTADOS NUM CAVALINHO DE PAPELÃO (DEQUELES
 QUE SE DEPENDURA DOS OMBROS COMO NO BOI-BUMBÁ).

"QUIXOTE (CANTA)- As nuvens com ventos
 Soberbos, violentos,
 Me deram voando
 Um belo cavalo.
 E nele montado
 Dom quixote irá.
 Também Sancho Pança
 Chega a montá-lo,
 Pra que desta sorte
 Se veja a mudança
 que de resto é morte
 quando não se dá."

CAVALGAM NUM CÍRCULO, COM RISOS DA PLATÉIA QUE ASSISTE.

"QUIXOTE- Já passamos a região aérea.
 SANCHO- Aéreo está vossa mercê. Este cavalo anda, que parece
 que voa.
 QUIXOTE- Esta é a região do fogo. Já estamos perto.
 CAI O CAVALO COM D. QUIXOTE E SANCHO.
 SANCHO- Esta é a região da terra. Ai, que quebrei as costelas!
 QUIXOTE- Não é razão que esteja eu aqui tanto tempo, sem ir
 desencantar outras pessoas.
 SANCHO- Viva mil anos o senhor Dom Quixote por tantos desen-
 cantos.
 QUIXOTE- Isto em mim sempre foi obrigação, Sancho. Vamos.
 SANCHO- Vamos já!"

QUIXOTE MONTA DE NOVO NO CAVALO, SEGUIDO POR SANCHO A PÉ;
 ENTRA SANSÃO CARRASCO MONTADO EM SEU CAVALINHO TAMBÉM.

"SANSÃO- Agora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna do meu lado. Darei tudo o que possuo ~~se~~ chegar a vencer agora esse Dom Quixote, para ver se posso tirar a loucura da cabeça desse louco."

SANSÃO E QUIXOTE COM SANCHO SE ENCONTRAM FRENTE A FRENTE.

"SANSÃO- Se sois cavaleiro andante e, brigai comigo.
 QUIXOTE- Como se o sou? Não só convosco brigarei mas com mil de vós.
 SANCHO- Mau. Isso é caso pensado e rixa velha.
 SANSÃO- Investi, Cavaleiro.
 QUIXOTE- Invisto!"

OS DOIS, MONTADOS, LANÇAS EM RISTE, AVANÇAM UM CONTRA O OUTRO ENQUANTO SANCHO COBRE OS OLHOS. D. QUIXOTE CAI FRAGOROSAMENTE AO CHÃO. SANCHO CORRE ATÈ ELE E AJUDA-O A SE DESVENCILHAR DO CAVALO ENQUANTO FALA.

"SANCHO- Ó desgraçado! Aqui vieram ter fim as suas cavalarias andantes! (PARA CARRASCO) Ah, senhor, não o mate: deixe-o para semente dos cavaleiros andantes.
 QUIXOTE- Estou vencido. Nem sempre a sorte havia de me ser favorável.
 SANSÃO- Pois como estais vencido, mando-vos que não tomeis das armas por espaço de dez anos. E vos recolhais a vossa casa.
 QUIXOTE- Como bom cavaleiro devo obedecer. Dizei-me quem sois?"

SANSÃO CARRASCO TIRA A MÁSCARA.

SANSÃO- Eu sou Sansão Carrasco a quem vencestes já uma vez, dizendo que quem vence o carrasco, vence a Morte. Agora, quiseram os astros que eu vos vencesse, para que vos recolhais em paz para a vossa casa.
 SANCHO- Ora, Senhores, acabou-se a valentia de Dom Quixote,

graças a Deus! Com o que, agora dando fim a esta verdadeira história, irei cantando:

Tão alegres ~~que~~ viemos
 E tão tristes que tornamos
 Tão alegres que viemos
 E tão tristes que tornamos
 Tão alegres que viemos
 E tão tristes que tornamos."

AS LUZES BAIXAM SOBRE ELES ENQUANTO O PÚBLICO APLAUDE.

E O APLAUSO DO PÚBLICO DURA ATÉ SE ACENDER A LUZ SOBRE ANTONIO JOSÉ, NOVAMENTE COLOCADO ENTRE OS TRES CARRINHOS DA INQUISIÇÃO.

QUANDO O APLAUSO DA PLATÉIA CESSA, A LUZ CAI SOBRE O PÚBLICO.

INQUIS. 1- Cuidou de suas culpas como nesta mesa lhe foi mandado e as quer confessar por ser o que lhe convém para descargo de sua ~~alma~~ consciência e salvação de sua alma?

ANTONIO- Cuidei. E não tenho culpas a confessar.

INQUIS. 1- Sabe que as pessoas que abjuraram e foram reconciliadas à santa Madre Igreja se tornam a cair nos mesmos erros são por isso castigadas com as penas de direito?

ANTONIO- Sei.

INQUIS. 3- Sabe qual é o castigo que se costuma dar aos relapsos no crime de judaísmo ou em outro qualquer de heresia?

ANTONIO- Sei. É a pena de morte.

INQUIS. 2- Foi antes preso pelo Santo Ofício?

INQUIS. 1- Que despacho teve de suas culpas e de que qualidade eram?

ANTONIO- Fui preso por culpas de judaísmo que confessei e saí em auto de fé haverá doze anos, onde abjurei meus erros e cumpri as penitências que me foram impostas.

INQUIS. 2- E daquele tempo a esta parte rezou orações judaicas ou os salmos de Davi sem Glória Patri no fim, em observância à lei de Moisés?

ANTONIO- Não.

- INQUIS. 3- E daquele tempo a esta parte guardava os sábados de trabalho para obedecer à lei de Moisés, vestindo nesses dias camisa lavada, principiando a guarda na sexta feira à tarde, varrendo ou mandando varrer a casa às avessas, guarneendo os candeeiros com azeite limpo e torcidas novas, deixando-os ficar acesos até por si se apagarem por cerimônia judaica?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 1- E daquele tempo a esta parte guardava a Páscoa dos judeus, a do pão ázimo, assim como a das cabanas, celebrando-as com as cerimônias que os judeus costumam?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 2- E daquele tempo a esta parte fez alguns jejuns judaicos assim os dassegundas e quintas feiras como o da rainha Ester que vem no mês de fevereiro e o do dio grande que vem no mês de setembro, estando em cada um deles sem comer, nem beber senão à noite, depois de sair a estrela?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 3- E daquele tempo a esta parte deixava de comer sangue, gordura, aves abatidas, carne de porco, lebre, coelho e peixe de pele porcerimônia judaica?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 1- E daquele tempo a esta parte lançava a bênção às pessoas de sua obrigação pondo-lhes a mão ~~aberta~~ aberta sobre a cabeça e correndo-lhe pelo rosto abaixo até os peitos, dizendo Abraão, Isac e Jacó como os judeus costumam?
- ANTONIO- Não.
- INQUIS. 2- E daquele tempo a esta parte fez o réu alguma ~~outra~~ outra cerimônia por observância à lei de Moisés?
- ANTONIO- Não.

SUBITAMENTE SOA MÚSICA. OS PADRES SE CALAM E SE IMOBILIZAM, AS LUZES MUDAM. ANTONIO JOSÈ OLHA EM TORNO.

COM SEU PASSO INCERTO E VAGO, SOLENE, O DOM QUIXOTE DE CERVANTES AVANÇA ENTRE OS CARRINHOS, POUSA AS MÃOS SOBRE OS OMBROS DE ANTONIO JOSÉ.

OS CARRINHOS SE AFASTAM, ENFILEIRANDO-SE À ~~XXXXXXXX~~ ESQUERDA.
D. QUIXOTE E ANTONIO JOSÉ SE OLHAM FACE A FACE LONGAMENTE.
ANTONIO JOSÉ OLHA EM TORNO.

ANTONIO- Aqui a minha desgraça me tirou as glórias que eu tinha alcançado. Aqui o destino usou de suas voltas comigo. Aqui se escureceram as minhas façanhas. Aqui, enfim, tombou a minha felicidade para nunca mais se levantar.

DOM QUIXOTE CONDUZ ANTONIO JOSÉ DE VOLTA À CELA, SUAVEMENTE, ENQUANTO FALA.

D. QUIXOTE- O que posso te dizer é que não existe destino no mundo, nem as coisas que sucedem, boas ou más, sucedem por acaso, mas sim por especial providência dos céus. Por isso é que se costuma dizer que cada um fabrica o seu próprio destino.

ANTONIO- Eu fabriquei o meu.

D. QUIXOTE- Mas não com a prudência necessária. O coração de um homem é como um cárcere secreto e ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ nem tudo o que nele vai se pode conhecer por suas ações.

ANTONIO- Atrevi-me. Fiz o que pude, mas me derrubaram e ainda que tenha perdido a honra, não perdi, nem posso perder minha virtude.

JÁ EM SUA CELA, ANTONIO CHORA NO OMBRO DO QUIXOTE QUE O ABRAÇA, PATERNAL.

D. QUIXOTE- As ~~XXXXXXXX~~ tristezas não foram feitas para os brutos, mas sim para os homens. Porém, se os homens sentem demasiadamente, embrutecem.

ANTONIO JOSÉ OLHA D. QUIXOTE, ENXUGA OS OLHOS, SORRI. QUIXOTE SORRI DE VOLTA.

D. QUIXOTE- Muita diferença existe entre as obras que se fazem por amor e as que se fazem em busca de reconhecimento.

DOM QUIXOTE DE REPENTE SE LEMBRA DE ALGO, FICA ALHEIO UM INSTANTE, PROCURANDO NA MEMÓRIA, OBSERVADO INTENSAMENTE POR ANTONIO JOSÉ;

D. QUIXOTE- Amor, eu quando penso
no mal que tu me dás, terrível, forte,
alegre corro à morte,
para assim acabar meu mal intenso.

Mas quando chego ao passo,
que é meu porto no mar desta agonia,
sinto tal alegria
que a vida se revolta e não o passo.

Assim, o viver me mata,
pois que a morte torna a me dar vida!

TERMINADA A DECLAMAÇÃO QUE ELE FAZ COM ESTILO E ÊNFASE, D. QUIXOTE OLHA ANTONIO JOSÉ E TORNA A POUSAR A MÃO EM SEU OMBRO.

D. QUIXOTE- Tu amaste a comédia que é instrumento de grande bem para os homens, pois nos colocam diante um espelho onde se vêem as ações da vida humana. Nenhuma comparação existe que ~~x~~ nos represente tão bem o que somos e o que haveremos de ser como a comédia.
Um faz de rufião, outro de embusteiro, este de mercador, aquele de soldado e acabada a comédia e despindo-se dos seus trajos, ficam todos os representantes iguais.
Pois o mesmo ~~x~~ acontece no trato deste mundo onde uns fazem de reis, outros de juizes e finalmente todos os papéis, em chegando o fim da comédia, que é quando

acaba a vida, a todos lhes tira a morte as roupas que os diferenciam e ficam iguais na sepultura.

O NOTÁRIO SURGE ENTRE OS CARRINHOS DOS INQUISIDORES. ANTONIO JOSÉ E DOM QUIXOTE SE VOLTAM PARA OUVIR O QUE ELE DIZ.

NOTÁRIO- Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e trinta e nove, aos dezesseis dias do mês de outubro nos estãos e casa de despacho da Santa Inquisição, os senhores Inquisidores mandam vir às suas presenças o réu Antonio José Da Silva, preso nos cárceres secretos e que deverá sair no auto público da fé do dia dezoito do presente mês e ouvir sua sentença.

TEMPO

ANTONIO OLHA PARA QUIXOTE QUE LENTAMENTE LEVANTA O BRAÇO INDICANDO A ELE QUE SIGA PARA OS CARRINHOS. ANTONIO JOSÉ BAIXA A CABEÇA E CAMINHA LENTAMENTE ATÉ SE COLOCAR DIANTE DOS CARRINHOS. DOM QUIXOTE ASSISTE, IMÓVEL EM SEU LUGAR, ENQUANTO DOIS PADRES ENCAPUÇADOS VESTEM ANTONIO JOSÉ COM O SAMBENITO E A CAPUCHA.

NOTÁRIO- Tendo ouvido e bem examinado a concludente prova de justiça, as testemunhas, assim como o próprio réu, os senhores Inquisidores deste Santo Ofício assentam que: depois de haver abjurado seus heréticos erros em forma, Antonio José da Silva viveu apartado da nossa santa fé católica e continuou na crença da lei de Moisés. E por não ter mais a Igreja o que fazer com ele, por se haver tornado indigno da misericórdia que no primeiro processo lhe foi concedida, tendo a Deus somente diante dos olhos, a verdade infalível da nossa santa fé católica e a extirpação das heresias, Christi Jesu nomine invocato, declaram o réu Antonio José da Silva por hereje, apóstata convicto, negativo, pertinaz e relapso tendo incorrido em pena de excomunhão maior e

confiscação de todos os seus bens para a câmara real e por tal o condenam e relaxam à justiça secular a quem pedem com muita instância que se haja com ele benigna e piedosamente e não proceda à pena de morte, nem à efusão de sangue.

ANTONIO JOSÉ VIRA A CABEÇA PARA TRÁS E OLHA O QUIXOTE.

DOM QUIXOTE SORRI TRISTEMENTE, ENCOLHE OS OMBROS E ACENA A ELE UM ADEUS. OS CARRINHOS SE AFASTAM, OUVEM-SE CAMPAINHAS E ENTRA UM PADRE PARAMENTADO, CONDUZINDO UM CRUCIFIXO, SEGUIDO DE DOIS COROINHAS COM TURÍBULOS QUE SOLTAM NUWENS DE INCENSO, SEGUIDOS POR IMENSO CORTEJO DE PADRES ENCAPIÇADOS E POPULARES.

MÚSICA.

O CORTEJO CONDUZ ANTONIO JOSÉ ATÊ A FOGUEIRA ARMADA NO CENTRO DO PALCO. SOLENEMENTE ELE È ATADO AO POSTE. AS CHAMAS SE ACENDEM.

DOM QUIXOTE A TUDO ASSISTE, IMÓVEL EM SEU LUGAR.

CERCADO PELO FOGO ANTONIO JOSÉ SOLTA UM GRANDE GRITO.

CESSAM TODOS OS RUÍDOS, CESSA A MÚSICA, TODOS SE IMOBILIZAM, AS LUZES CAEM, NO ESCURO SÒ SE VÊEM AS CHAMAS QUE DANÇAM E UM FOCO QUE ACOMPANHA DOM QUIXOTE ENQUANTO ELE SE ENCAMINHA PARA A BOCA DE CENA.

D. QUIXOTE- Aqui jaz quem teve a sorte
de ser tão valente e forte,
que eu, seu cantor, alego,
que a Morte sobre sua vida,
não triunfou.

APAGA-SE A LUZ DO QUIXOTE. ELE SE RETIRA. NO CENTRO DO PALCO BRILHA APENAS A FOGUEIRA, DANÇANDO EM TORNO DE ANTONIO JOSÉ ATADO AO POSTE.

MÚSICA.

A LUZ CAI LENTAMENTE.

FIM